

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
ÁREA DE LITERATURA PORTUGUESA

Relatório Final de Iniciação Científica

O soneto XII na Carta da Índia (1598) para a Antologia Homoerótica de Camões

Trabalho desenvolvido com o auxílio da Bolsa FFLCH, no período de setembro de 2021 a setembro de 2022; a ser apresentado no 30º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP), em outubro de 2022.

Palavras-chave: Homoerotismo, Luís Vaz de Camões, D. António de Noronha, Renascimento, Imitatio, Rimas, Edição.

LARISSA STOCCO GOMES  
Nº USP 9824026

Área de Concentração: Literatura Portuguesa  
Orientadora: Dra. Marcia Maria de Arruda Franco  
Professora Associada - Literatura portuguesa

SÃO PAULO  
OUTUBRO/2022

## 1. Introdução

Integrante do projeto “Reescrever o Século XVI”, que tem como principal objetivo estudar o século XVI por meio de revisitações críticas de fontes quinhentistas, bem como analisar a recepção do Quinhentismo nas literaturas brasileira e portuguesa – desenvolvido em cooperação entre a Universidade de São Paulo (Brasil) e a Universidade do Minho (Portugal), composto por alunos de graduação e mestrados –, o trabalho que aqui se apresenta busca investigar a prática homoerótica na poesia do passado remoto, em especial, na obra de Luís Vaz de Camões, bastante vasta e recíprota de diversas alterações, novas edições, reimpressões e fragmentações, pelas quais tenta-se, desde o princípio, traçar uma biografia a respeito da vida do escritor.

A partir da leitura do romance de Frederico Lourenço, *Pode Um Desejo Imenso*, que inspirou a escolha da temática deste e de outros trabalhos desenvolvidos pela equipe do projeto, e que chama a atenção para os lugares do homoerotismo clássico nas poesias que Camões teria dedicado a António de Noronha, de quem supostamente teria sido um preceptor, busca-se analisar os motivos que levaram a um apagamento ou possíveis censuras dos textos dedicados ao jovem pelo poeta, além de documentar os fatos conhecidos sobre a relação do pupilo e de seu mentor.

Um levantamento feito no início desta pesquisa mostra que o diversificado *corpus* de poemas homoeróticos camonianos compõe-se de 2 sonetos, 2 elegias, 1 canção, 1 ode, 3 élogos e as *Oitavas ao desconcerto do mundo*, a que se juntam o *Convite que fez em Goa a certos fidalgos*, e a ode que intitula o romance de Frederico Lourenço (*Pode um desejo imenso*) – *corpus* esse que foi dividido entre a equipe do projeto “Reescrever o Século XVI”, com o objetivo de aprofundar cada um dos tópicos abordados por esses materiais em um estudo que, posteriormente, será publicado no formato de uma antologia, a *Antologia Homoerótica Camoniana* (AHC).

Para a integração da equipe e para o compartilhamento de informações e análises, durante o desenvolvimento desta pesquisa, deram-se encontros mensais em grupo, junto à orientadora e coordenadora do projeto, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Arruda Franco, garantindo a harmonia entre cada um dos estudos que foram e que serão ainda apresentados no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP.

Em 2022, os resultados iniciais relacionados ao desenvolvimento da antologia foram publicados no livro “Reescrever o século XVI: para uma história não oficial de Camões”, derivado do evento “VI Jornadas de Literatura Portuguesa – Para Uma História Não Oficial de Camões: Novas Propostas de Estudos Camonianos”, ocorrido em 2018, e apresentados pela equipe no Seminário de Investigação “Antologia Homoerótica Camoniana, evento organizado pelo Grupo de Investigação Poéticas em Língua Portuguesa (PLP), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Outros eventos e resultados individuais de cada integrante da equipe estão disponíveis no website “Reescrever o Século XVI”, em <<https://sites.usp.br/reescrever-o-seculo-xvi/>>.

Neste trabalho, o foco de análise é a “**Carta I Mandada da Índia A Hum Amigo**”, carta dedicada por Camões a um amigo, apresentada em edição fac-similada da segunda edição das *Rimas* do poeta, de 1598, em que aparece pela primeira vez unida ao soneto fúnebre dedicado a D. António de Noronha, morto em batalha em 1553 – sendo essa a segunda aparição do soneto em uma reunião de obras líricas de Camões, anteriormente removida de seu contexto discursivo, como será visto a seguir, em uma análise de seu percurso editorial.

Utilizando-se de perspectivas filológicas e histórico-culturais, deu-se nesta pesquisa, primeiramente, a familiarização com a leitura do soneto e da carta em suas impressões iniciais, levando em conta a leitura do alfabeto tipográfico, e, posteriormente, a aplicação dos critérios de transcrição, fixação e anotação dos textos estabelecidos pela equipe, bem como com os comentários já existentes, produzidos pelos editores-comentadores de referência da lírica de Camões, e pela crítica e literária ao longo dos séculos.

A investigação sobre a prática homoerótica na poesia do passado remoto, a ser desenvolvida a seguir, implica 1) distinguir o que se entende por homoerotismo na sociedade de corte no início dos tempos modernos 2) determinar a sua tematização na poética renascentista, de acordo com os princípios criativos da *Imitatio*; tópicos pretendidos pela pesquisa.

### **1.1 Aspectos gerais do relatório**

Definidos os temas e realizado o já citado levantamento do *corpus* de Camões, os primeiros itens deste relatório (itens de 2 a 4) apresentam as reflexões que deram início às primeiras buscas de dados necessários a esta pesquisa, com o propósito de fornecer, de forma investigativa, maior sentido à contextualização histórica do poeta Camões e de sua obra lírica. Para isso, deu-se a leitura e anotação individual de diferentes textos históricos e documentativos das primeiras edições de Camões.

A partir de então, nos itens de 5 a 8, também com base em leituras de fundamentação teórica e de uma segunda leitura, mais analítica, do livro *Pode Um Desejo Imenso*, bem como a participação, junto ao grupo do projeto “Reescrever o Século XVI”, em um debate interno entre estudantes, convidados e a orientadora desta Iniciação Científica, a Profa. Dra. Marcia Arruda Franco, sobre os temas do homoerotismo, do homosocialismo e das práticas de pederastia – além de frutuários debates mensais tidos entre o grupo ao longo de doze meses, período de desenvolvimento do trabalho –, novos argumentos foram pensados em torno dos indícios homoeróticos nas obras de Camões, com o fim, também, de conceber-se uma pesquisa mais esclarecedora a respeito da natureza da relação entre o poeta e o pupilo D. António de Noronha, a quem se dedica o soneto (também chamado, na edição utilizada, de Soneto 12, como se verá a seguir) que compõe o final da Carta da Índia, grande objeto de pesquisa desta Iniciação Científica, e o estudo interpretativo dos elementos que compõem carta e soneto.

Nesses itens (5-8), foram considerados: carta e soneto como conjunto; as diferenças entre a edição da carta e do soneto, separadamente; comparações entre diferentes edições da carta e do soneto que a acompanha.

Por último, nos itens de 9 a 10, relatam-se as normas de edição estabelecidas pelo grupo para a edição da carta, que compõe o resultado final deste relatório; bem como os itens 11 e 12, que o concluem.

### **2. A problemática filológica**

Ao investigar o caso filológico das obras de Fernando Pessoa, poeta português do século XX, o pesquisador Pedro Tiago Ferreira questionou acerca da aproximação da função do trabalho do editor, ou filólogo, à de um curador - levando em conta que este seja responsável por “cuidar de” ou administrar o patrimônio de outrem (p. 235). A dificuldade em determinar o que foi pretendido por Pessoa em seus textos e o que foi reordenado ou complementado pelos responsáveis pela edição de suas obras tornou-se cada vez mais

perceptível de acordo com o avanço dos estudos sobre suas marcas de autoria, e ao fato de que as obras foram “curadas”, como diz Ferreira, postumamente.

Por outro lado, Ferreira levanta também a reflexão sobre o fato de qualquer intervenção no texto alheio já configurar outra marca de autoria; afinal, a edição de um texto acaba por alterar o formato do manuscrito, pode alterar erros gramaticais – ou até mesmo gerar novos erros, principalmente no que tange a textos mais antigos, com estilos de escrita como o gótico, medieval, etc., que precisam de um trabalho de análise mais minucioso –, ou simplesmente não apresentar documentos ou testemunhos suficientes para que uma suposição feita no texto possa ser comprovada:

Ter um original nas mãos não resolve todos os problemas da ecdótica (do gr. ἐκδοσις, edição) nem faz com que uma edição crítica se torne mais “autêntica”. Traz, simplesmente, novos desafios e torna inúteis alguns esforços. Tal como no passado, agora tem que se decidir como editar um texto, especialmente quando existem variantes ou múltiplos testemunhos, embora já não seja necessário conjeturar um manuscrito inexistente ou procurar o copista menos distante do Urtext, porque todas as variantes são autorais. A existência de originais autógrafos não suprimiu, por seu turno, as diferenças. Tal como não existe uma única maneira de reconstituir um texto ausente, também não existe uma única forma de estabelecer um texto presente. [...]. Um editor tem, então, uma tarefa delicada: decidir como publicar o que ficou da produção de outra pessoa. Na ausência do autor – constante que tanto a crítica textual tradicional como a moderna partilham quase sempre – pertence ao editor, com maior ou menor consciência do seu ofício, a responsabilidade de mediar entre o passado e o presente, entre a materialidade e o sentido dos textos.

(Pizarro, 2012, p. 146-147, apud Ferreira)

A partir da leitura da pesquisa de Ferreira, como “pontapé” inicial às questões que norteiam a base teórica deste relatório, pensa-se, então: se o trabalho de curadoria foi tão complexo ao se tratar da obra de Fernando Pessoa, no século XX, pode-se imaginar a complexidade de se lidar com obras mais antigas, como a de Safo de Lesbos, cuja morte supõe-se que tenha ocorrido em 570 a.C. – deixando para estudos atuais somente poucos documentos sobre sua existência e curtos fragmentos de uma coletânea lírica –, e até mesmo da obra de Camões, no século XVI; cuja interferência editorial será tratada neste trabalho.

Mesmo entre tantas contradições, Ferreira conclui que o trabalho de um curador – ou editor/filólogo – é um dos mais importantes para garantir a existência de documentos (principalmente os mais antigos), de impedir sua degradação e de torná-lo mais acessível ao público. Qual é, no entanto, o trabalho que é apresentado ao público, e quais são os interesses de um editor ao decidir o que entra ou não em uma edição de uma obra? Como a censura pode interferir na documentação da história de um autor (e até mesmo de uma época), e quais são as suas consequências? Quanto dos textos originais de Camões foi realmente propagado, na íntegra, até o século atual?

### **3. Contextualização histórica da obra de Camões**

Para um melhor entendimento das “interferências” sofridas pela obra de Camões, e de quando elas começaram a ocorrer, parte-se, então, para uma tentativa de recriar a sua contextualização histórica, por meio da compreensão de sua época, facilitada por uma interpretação de uma linha do tempo e por uma ordem lógica que será seguida neste relatório,

que deu-se com base na leitura de textos de apoio fundamentados em documentos históricos quinhentistas.

Em primeiro lugar, a obra de Camões pode ser entendida como um produto ou documentação da era em que o escritor existiu. Mais ainda quando considerado o contexto de edição de sua obra lírica, durante a União Ibérica, e da sua dedicatória de *Os Lusíadas* ao rei D. Sebastião, ainda em vida do poeta, em 1571.

Com a derrota na Batalha de Alcácer-Quibir, comandada pelo rei (batalha que deu início ao movimento do Sebastianismo), Portugal perdeu parte de seu exército, composto por grande parte da elite portuguesa, e o herdeiro da coroa – o que gerou uma série de problemas dinásticos, visto que não havia descendentes diretos ao trono. Como documenta Anastácio (2004), em 1580, foram criadas as Cortes de Almeirim, conselho criado com o objetivo de designar um sucessor ao trono de D. Henrique, interrompido com a morte do Cardeal-Rei, sem que houvesse um consenso em relação a esse sucessor.

Com a proclamação de D. António em Santarém e o início da batalha de Alcântara, em um curto período de tempo, também a partir de batalhas e pressão armada, houve a União Ibérica, e Portugal passou às mãos de Filipe II.

Em meio a uma imensa instabilidade política já herdada de seus antecessores e intensificada pela luta espanhola contra os mouros, uma rebelião político-religiosa nos Países Baixos e o surgimento do movimento protestante (SALVADOR, 1961, p. 91), Filipe II iniciou uma grande campanha a favor de sua oficialização no trono português; campanha essa que envolveu e apoiou-se em intensa propaganda e suporte de letrados, resultando em uma integração das universidades à esfera política e no estímulo às publicações e às atividades de livreiros (SALVADOR, 1961; ANASTÁCIO, 2004).

Nesse tempo, a obra de Camões que já havia sido publicada e que corresponde ao texto que hoje é conhecido como *Os Lusíadas*, era, originalmente, a organização de dez cantos em oitava rima, baseados na *Eneida*, de Virgílio, porém atrelados aos fatos históricos e econômicos de Portugal, e de acesso bastante limitado aos grandes nobres e universitários; publicação essa que foi autorizada por D. Sebastião em um alvará de 24 de setembro de 1571, que a descrevia como uma obra sobre “os principaes feitos dos Portugueses nas partes da Índia depois que se descobrio a navegação pera elas por mandado del-Rei Dom Manuel meu visavô que sancta glória haja [...]”

## **ANEXO I - ALVARÁ DO REI**

**Os Lusíadas de Luís de Camões / prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000; prefácio.**

Ev el Rey faço faber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octava rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfectos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a navegação pera ellas por madao del Rey dom Manoel meu vifauo que sancta gloria aja, & isto com privilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diate, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & fenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso seu poder tiver, sob pena deẽ que o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Defembargadores do paço, o qual se declarará & porã impresso na primeira folha da dita obra pera se fer a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do fante officio da Inquição pera cõ sua licença se aver de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiver acrescentados mais alguns Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do fante officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirã outrofi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assignada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do fegundo liuro, tit. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouer de durar mais que hum ano passẽ per cartas, & passando por aluara não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij. de Setembro, de M. D. LXXI. Jorge da Costa o fiz escrever.

### 3.1. Impacto de Filipe II: traduções da obra de Camões

Em 1580, como um resultado da já citada propaganda de Filipe II, rei de Castela, segundo Anastácio (2004), são publicadas as primeiras traduções desses cantos pelas universidades espanholas, pelas mãos de poetas já prestigiados pela corte – mantendo, assim, a tradição do texto de circular entre os “mais cultos”, ou seja, a camada da população já mais próxima do universo cultural e do mundo das artes (ANASTÁCIO, 2004, p. 4). Foi a partir de então que se deu uma maior propagação dos textos de Camões. Cita a pesquisadora:

Neste contexto, não parece plausível que as duas traduções castelhanas de Os Lusíadas tenham sido impressas pelas Universidades espanholas, em 1580, por uma simples coincidência. Vêmo-las, antes, como parte integrante da estratégia política de sedução e de intimidação conduzida, ao tempo, pelo herdeiro castelhano da coroa portuguesa. Como afirmou Eugenio Asensio em 1982, “sin el patrocinio directo e inmediato de Felipe II” não se explica a edição quase simultânea das duas traduções, sobretudo tendo em conta que nenhuma delas foi submetida à censura eclesiástica.

(ANASTÁCIO, 2004, p. 8)

Também para Emanuel Paulo Ramos, em corroboração com os estudos de Anastácio, tal estratégia política se deu ao fato de que, com a publicação dos grandes feitos portugueses narrados por Camões, Castela, o reino de Filipe II, pudesse demonstrar as grandes vantagens da união entre as coroas:

Sinto, porém, que na minha leitura dos acontecimentos políticos peninsulares da década iniciada em 1570 não possa, de modo nenhum, abstrair da convicção íntima de que urgia revelar aos Portugueses, duramente atingidos pela catástrofe de Alcácer-Quibir e pela morte do Desejado Rei, a solidariedade (subentendida, claro, a hipótese da conformidade lusa com o projecto de uma união política de Portugal e Castela, sob uma coroa única), o amor e o orgulho da grande Espanha pela gloriosa Epopeia de Luís Vaz. É evidente que isso não obstava a que do lado deste projecto se fizesse, entretanto, adequada preparação militar, como não obstou a que a gente de duque d'Alba não afogasse em sangue, realmente, em Alcântara, as fracas forças dos que haviam feito leitura demasiado literal d'*Os Lusíadas* e da independência ativa que neles se canta, a qual quiseram defender nas pontas de suas lanças. Entende-se, pois, a pressa de Filipe II na publicação dos trabalhos de Caldera e de Tapia [tradutores]: pressa determinada pela precipitação dos acontecimentos políticos que então se viviam — a qual, todavia, não basta para excluir a seriedade, a qualidade resultante da árdua e longa tarefa que as duas traduções singularmente evidenciam.

(1983-1984, p. 161)

### **3.2. Camões e a Inquisição**

Como destaca Anastácio, as obras de Camões patrocinadas por Filipe II não sofreram censura eclesiástica – ao contrário dos fatos anteriores, que narram-se a seguir.

Iniciada formalmente em 1536 em Portugal, ao tempo da publicação de *Os Lusíadas*, o território português já passava pelo período da Inquisição, movimento que buscava converter os “propagadores” de outras religiões, como eram chamados, para o cristianismo, que se estendeu também às colônias, como o Brasil, e passou a julgar todos os casos que fossem considerados um atentado ao cristianismo. Nesse período, foram julgados e condenados quaisquer indivíduos que tivessem a imagem atrelada à adivinhação, à feitiçaria, à bigamia, à sodomia e qualquer outra atividade considerada “transgressora”, requerente de censura, à luz do pensamento inquisitivo. Tal fato influenciou toda a história cultural portuguesa, ao passo em que textos, por exemplo, passaram a ser negados pela Inquisição, levando seus autores ao exílio e até mesmo à morte.

Autorizados pelo rei, no entanto, e exaltantes da história de Portugal de forma épica ainda inédita à época, os cantos de *Os Lusíadas* não levantaram maiores suspeitas ao frei Bertholameu Ferreira, que desconsiderou os versos pagãos da obra, atribuindo a eles um caráter poético (ou ficcional e artístico), e “não escandaloso”. Em seu parecer, o frei considera a obra como um “fingimento” do poeta, atrelado à literatura clássica iniciada por Homero e Virgílio, como pode ser visto abaixo.

## **ANEXO II - PARECER DA INQUISIÇÃO**

**Os Lusíadas de Luís de Camões / prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000; prefácio.**

VI por mandado da santa & geral inquisição estes dez cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, & não achey nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria â fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessário aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gêtios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu  
Ferreira

Em 1584, no entanto, o mesmo frei Bertholameu Ferreira deu um novo parecer sobre uma nova edição d' *Os Lusíadas* (ANASTÁCIO, 2004, p.10), publicado em forma de prefácio, explicando que a nova edição removia cenas consideradas “escandalosas”, e que assim poderia ser publicada; o frei ficou, assim, conhecido como “o primeiro censor de *Os Lusíadas*” (ANASTÁCIO, 2012, p. 28).

Vi por mandado do ilustríssimo e reverendíssimo senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Geral destes Reinos, os Lusíadas de Luís de Camões, com algũas glosas, o qual livro, assi emendado como agora vai, não tem cousa contra a fé e bons costumes, e pode-se imprimir. E o autor mostrou nele muito engenho e erudição.

(Frei Bertholameu Ferreira, 1584, apud Anastácio, 2012, p. 33)

Conhecida como a edição “dos Piscos”, a nova versão d' *Os Lusíadas* era relativamente menor e foi novamente propagada em 1591, em edição arquivada na Biblioteca Nacional de Lisboa – considerada uma das mais raras edições da obra – ao lado das três edições seguintes, submetidas à aprovação de novos inquisidores, que acabaram por resgatar a versão original do poema. Para Cleonice Berardinelli (2000), as novas publicações foram permitidas devido a um afrouxamento na Inquisição, que, para ela, surpreendentemente, permitiu também a publicação das traduções castelhanas, na íntegra; como já citado por Anastácio (2004). Até 1898, 74 edições foram publicadas, garantindo prestígio a Luís Vaz de Camões.

Infere-se, então, que as primeiras alterações editoriais surgiram ainda durante a vida de Camões, devido a um contexto amplamente marcado por censuras e também devido à interpretação particular de cada Inquisidor, assim como a dos editores e tradutores da obra à época; bem como, como citam Anastácio e Ramos, à relação aos interesses da Coroa. Essas são apenas algumas das primeiras interferências autorais sofridas pelos textos deixados pelo autor.

### 3.3. Obras póstumas

Como citado anteriormente, *Os Lusíadas* foram a única obra publicada ainda durante a vida de Camões. Outros três textos – uma Ode, uma elegia em *terza rima* e um soneto prefaciando a obra de escritores quinhentistas (ANASTÁCIO, 2010) – foram publicados de forma não-póstuma, mas a primeira reunião da poesia lírica do poeta foi publicada somente em 1595, quinze anos depois de sua morte. Compreendido o seu contexto, parte-se, então, para a interpretação do percurso editorial da reunião lírica de Camões.

A edição de 1595, como comprovam os fac-símiles da Biblioteca Nacional de Portugal Digital, foi financiada por Estevão Lopes, livreiro, e Manoel de Lyra, impressor, e recebeu o título de *Rhythmas*, com 170 poemas. Para a realização da edição, os dois parceiros contrataram um universitário anônimo, segundo Anastácio, geralmente associado ao nome Rodrigues Lobo Soropita.

#### ANEXO III - FAC-SÍMILE DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

Capa da obra *Rhythmas*, primeira reunião da poesia lírica de Camões; 1595.

Disponível em: <<https://purl.pt/14880>>

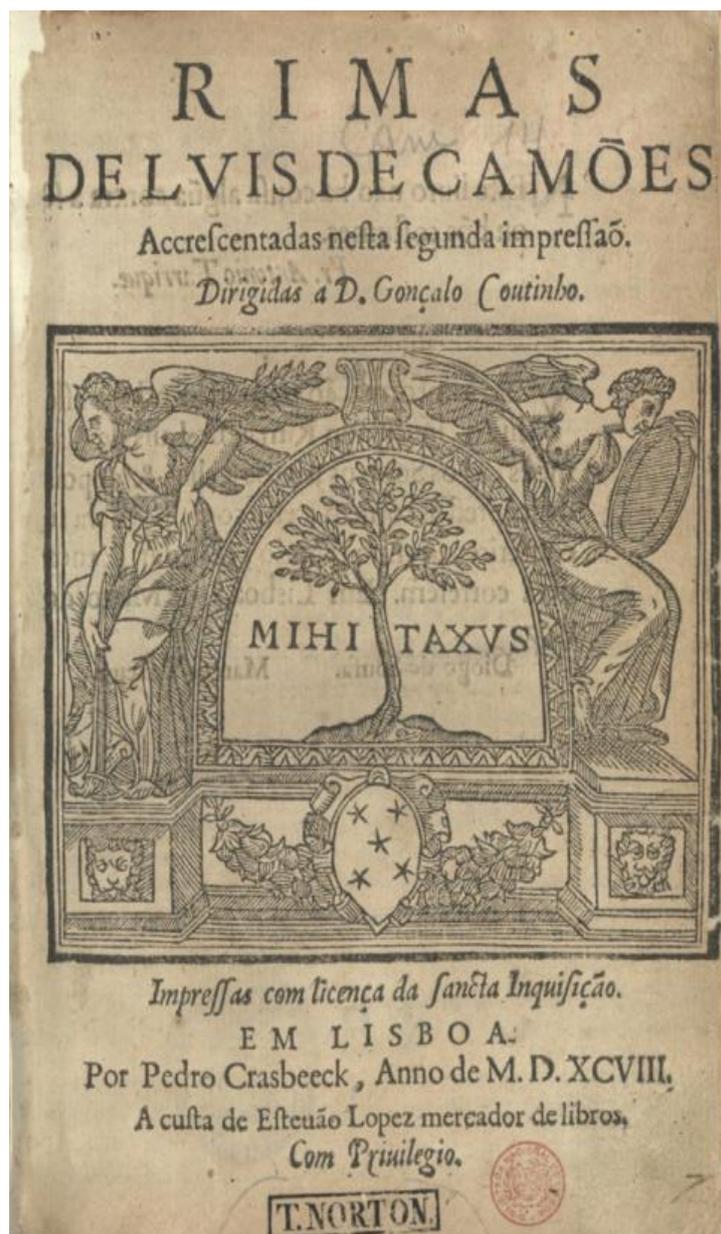


Foi constatado posteriormente, no entanto, que alguns dos textos incluídos pelo editor não pertenciam verdadeiramente a Camões. De acordo com o prefácio, os textos foram coletados de manuscritos passados “de mão em mão”. Alguns dos textos erroneamente atribuídos ao poeta foram removidos por Pedro Craesbeeck, em uma segunda edição lançada após a compra dos materiais de Manoel de Lyra, em 1598, de nome *Rimas*. Outros 70 novos poemas foram adicionados à edição (ANASTÁCIO, 2010, p. 66), também resgatados de manuscritos em circulação.

#### ANEXO IV - FAC-SÍMILE DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

Capa da segunda edição das *Rimas* de Camões; 1598. Disponível em:

<<http://purl.pt/14706>>



Ocorreu, no entanto, grande mudança nos textos resgatados anteriormente por Soropita, ao passo que Craesbeeck realizou “modernizações ortográficas, interferência no emprego das maiúsculas, e também a eliminação ou alteração de palavras” (ANASTÁCIO, 2010, p. 67). Essa segunda edição das *Rimas* tornou-se, assim, um produto ainda mais comercial, que gerou disputas no mercado editorial da época para a publicação.

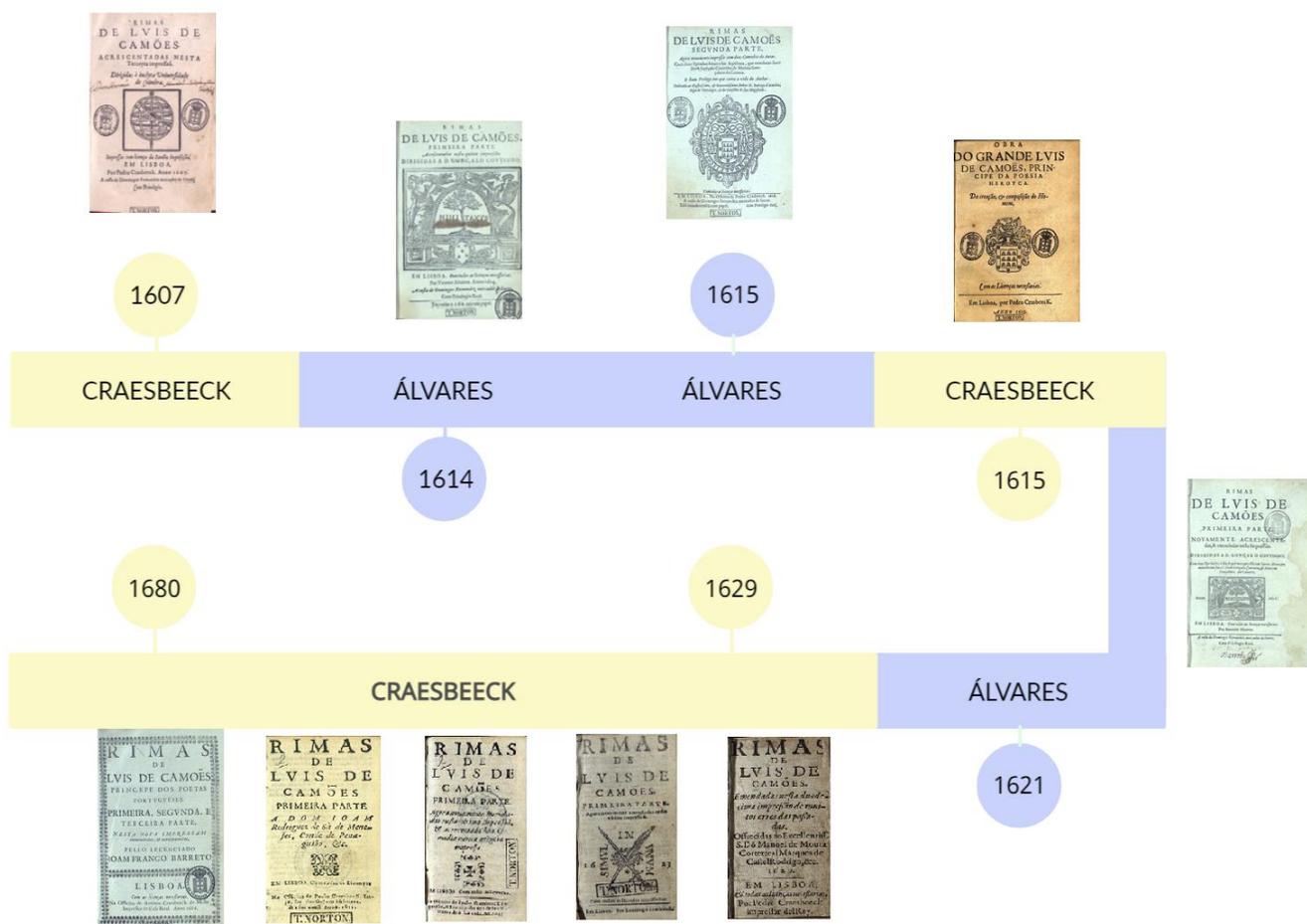
Com o fim do período de exclusividade de Craesbeeck, iniciou-se, a partir de 1607, uma disputa entre o editor e Vicente e António Álvares, que lançaram, em pouco tempo, diversas novas edições cada vez mais enriquecidas ou mutiladas, quando descobria-se que um texto não era original de Camões, ou quando os editores se deparavam com um novo texto do poeta.

Prova disso são as edições registradas pela Biblioteca Nacional de Portugal Digital, que as documenta em ordem cronológica.

Anastácio reitera as complicações filológicas que surgiram na edição de Camões:

Sublinhámos a competição comercial entre os impressores por dois motivos essenciais: por um lado, ela explica, em parte, a necessidade da busca contínua de novos materiais relacionados com Camões e, por outro, permite entender que, durante um determinado período de tempo, a preocupação com pormenores filológicos tenha sido posta de lado, senão esquecida. As obras vender-se-iam fosse como fosse. (2010, p. 69)

Dessa forma, em 1614, os Álvares publicaram a primeira parte de sua edição das *Rimas de Camões*, seguidas por uma segunda parte publicada em 1615, “respondidas” com uma nova edição de Craesbeeck, também em 1615, reunindo a obra completa do poeta. Em 1621, os Álvares publicaram sua última edição das *Rimas*, emendadas “com dous epithafios à sua sepultura que està em Santa Anna que mandaram fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim”, antes da exclusividade de publicação retornar às mãos da família Craesbeeck, até 1680 (ANASTÁCIO, 2010, p. 68-69), como demonstra a linha do tempo abaixo. Nota-se, novamente, que todas as edições supracitadas estão disponíveis no catálogo da Biblioteca Nacional Digital de Portugal, em: <<https://catalogo.bnportugal.gov.pt/>>.



### 3.4. Notas biográficas

Interpretados o tempo histórico de Camões e analisada a linha do tempo do percurso editorial das *Rimas*, neste trabalho, deu-se, então, a avaliação dos registros das notas biográficas de Camões, bem como, também, suas trajetórias.

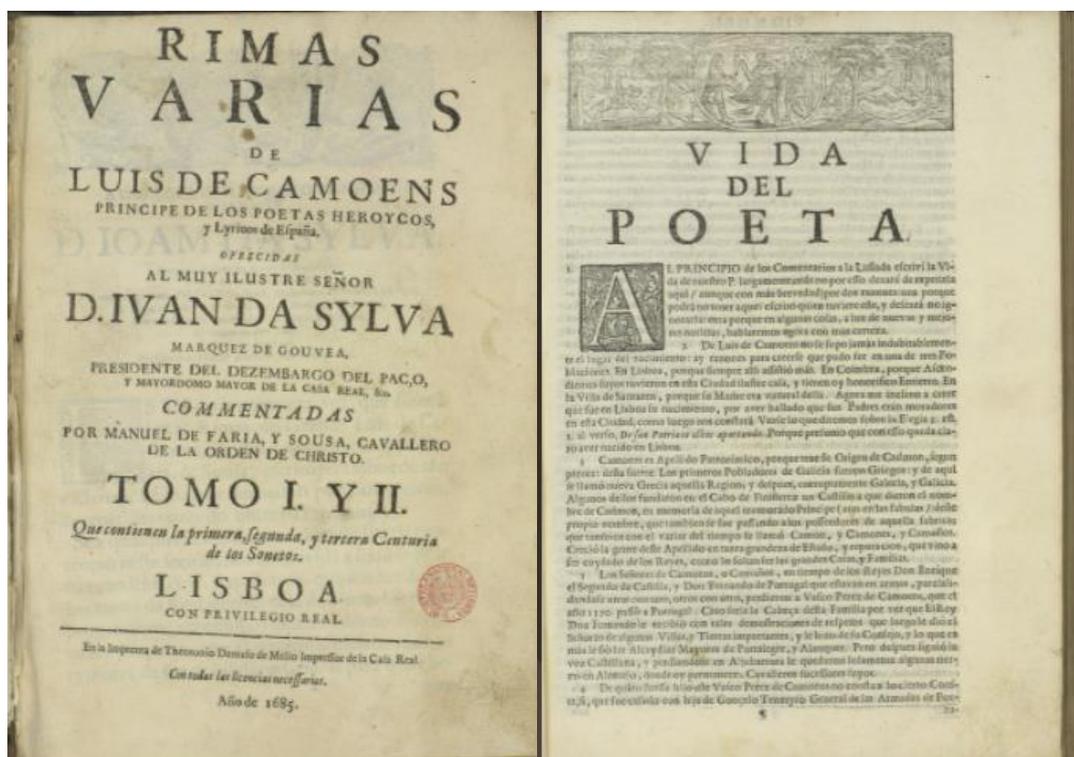
As primeiras notas biográficas sobre Camões aparecem entre 1611 e 1639, que Anastácio (2010, p. 69), considera como tentativas desesperadas de documentar a vida do escritor a partir de pouquíssimos fatos conhecidos sobre ele na época. Segundo Saraiva (1978), em 1613, o bibliotecário Pedro de Mariz se dedicou a traçar uma linha do tempo que contasse a vida do escritor, tornando-se assim seu primeiro biógrafo. A partir de 1669, as novas edições passaram a incluir comentários dos editores a respeito dos textos de Camões, visando “explicá-los” (ou emendá-los) a partir de fatos sobre a vida do poeta.

Foi a partir dos poemas, comentários e notas existentes na época que Faria e Sousa construiu uma biografia mais completa, resultando em um *corpus* ainda maior, porém polêmico – para alguns investigadores, Faria e Sousa teria forjado alguns textos ou atribuído à obra alguns textos erroneamente –, da lírica camonianiana:

Este modo de agir permitiu-lhe aumentar o número de textos atribuídos a Camões em cerca de 80%. Assim, nos finais do século XVII, os editores e o público tinham passado a ter à sua disposição cerca de 350 textos da lírica de Camões.

## ANEXO V - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

Rimas de Faria e Sousa, primeira edição a ser anotada com dados biográficos do poeta; 1685. Disponível em: <<https://purl.pt/14198>>



### 4. Vida del poeta: a vida pessoal de Camões

A partir da edição de Manuel de Faria e Sousa, dados factuais a respeito de uma vida ainda não contada de Camões (a linha do tempo de Pedro de Mariz restringe-se aos dados mais importantes e a elogios à obra do poeta) foram extraídos de poemas, cartas, dedicatórias e quaisquer outros documentos que contivessem informações biográficas sobre o autor. À época, Camões já era considerado um poeta “de Portugal”, e sua obra, bastante prestigiada, apesar da literatura ainda manter-se em um círculo fechado acessível somente aos letrados.

Entre curiosidades a respeito de batalhas, contextualizações históricas e localizações, que passaram a ser procuradas pelo público de sua lírica e que se tornaram interesse de pesquisadores e concorrentes no mercado literário, surgem também, a partir desse momento, hipóteses acerca da vida amorosa do poeta, ao passo em que Faria e Sousa realiza um levantamento de nomes citados por Camões em suas rimas ou dedicatórias, revelando grande quantidade de destinatários femininos.

D. Guiomar Blasfé, D. Joana e D. Francisca de Aragão (Ramalho, 1978) são algumas das figuras por ele reconhecidas, em meio a tantos anagramas e pseudônimos criados pelo poeta: Natércia, Belisa, Galateia, Nise, Dinamene, Sílvia, entre outros; uma descrição herdada, segundo Ramalho (1978), dos elegíacos romanos, que mantinham a discrição quer com o anonimato quer com uma descrição elogiada.

#### 4.1. D. Violante de Noronha

Entre os já citados, aparece também, pela primeira vez, o nome de D. Violante, a quem atribui-se a identificação como D. Violante de Noronha, mãe do jovem D. António de Noronha, cuja família, de acordo com José Hermano Saraiva (1919-2012), recebeu em seu lar o poeta Camões como um preceptor para o jovem D. António.

José Hermano Saraiva retomou, em 1978, numa biografia própria, as biografias anteriores de Camões, para reconstruir, ele mesmo, uma nova história – mais detalhada, e possivelmente crítica – do poeta. Reconhecido por seus feitos e por boatos da tradição popular, Camões tornou-se tema de um dos livros de maior êxito do biógrafo (Ramalho, 1978), que tomou D. Violante como um assunto central do livro, intitulado *Vida Ignorada de Camões*, como uma das amantes do poeta. Mas Ramalho (1978), em uma recensão ao biógrafo, questiona a versão “romantizada” criada por Saraiva, visto que, nas anotações de Faria e Sousa, há somente uma menção a D. Violante, e não tantas menções quanto Saraiva demonstra em seu livro; essa menção, segundo Ramalho (1978) também não comprova que a D. Violante em questão seja a mãe de D. António, podendo ser também um “apelido” inventado por Camões – ou podendo ser, ainda, que a dedicatória ou o próprio texto nem mesmo pertençam a Camões (vide problemas filológicos já citados). Diz Ramalho:

Na realidade, o nome de Violante poucas vezes aparece na lírica camoniana. Faria e Sousa no seu comentário a Rimas Várias, Primeira Parte, página 35, 2.a coluna, regista as seguintes ocorrências: «De Violante en el 13. y de la Centúria 2. el 19. y en la Egloga 14». Isto é, nos sonetos que principiam “Num jardim adornado de verdura” e “A violeta mais bela que amanhece”; e na égloga, cujo primeiro verso é “Agora, já que o Tejo nos rodeia” — égloga rejeitada hoje pelo comum dos editores. Aliás, o segundo soneto mencionado também não é unanimemente aceite. Fica-nos apenas uma ocorrência segura e, aí mesmo, por alusão, no verso final: ...mas eu queria / Viol' antes que lírio nem que rosa.

(Ramalho, 1978, p. 272)

Para Ramalho, Saraiva atribuiu a Camões a possibilidade de o poeta ter-se envolvido em um adultério com D. Violante, para em seguida minimizar os efeitos desse possível escândalo atribuindo o caso amoroso de Camões a D. Joana, suposta filha de D. Violante. Segundo Saraiva, o adultério não era visto como uma falta grave à época; no entanto, investigando documentos históricos, Ramalho (1978) levanta que a resolução para casos como esses frequentemente era a morte; coisa que teria acontecido ao poeta, que não teria, de acordo com a teoria de Saraiva, nem mesmo tentado esconder o nome de D. Violante de polêmicas dedicatórias (não atribuídas por Faria e Sousa).

Já D. Joana de Noronha, de acordo com Ramalho, pode nem mesmo ter existido, devido à ausência de citações confiáveis que mencionem a suposta filha de D. Violante na árvore genealógica.

Assim como muitos outros fatos a respeito da vida de Camões, nenhuma das duas relações amorosas acima citadas são confirmadas; não existem documentos ou textos que comprovem tal fato, e para Ramalho, nem mesmo fatos referidos nos próprios textos de Camões seriam suficientes para provar um envolvimento amoroso do poeta com D. Violante.

Reunindo-se o *corpus*, no entanto, percebe-se que são dedicadas a D. António de Noronha as conhecidas “Oitavas ao desconcerto do mundo”, duas elegias (entre elas, a ilustre “O poeta Simónides, falando”), uma ode, uma canção e duas éclogas, sendo ainda a morte do jovem citada em outros dois sonetos e em outra notável écloga de Camões; um grande número de dedicatórias, muito maior do que o número de dedicatórias supostamente levantado por Saraiva, sobre a mãe do jovem.

### **5. D. António de Noronha e Camões, pupilo e preceptor**

Apesar de não questionar propriamente a natureza da relação de Camões e D. António de Noronha – e apesar de diversos versos das dedicatórias acima citadas conterem sutilezas marcadas pelo homoerotismo –, Saraiva levanta um importante ponto a respeito da quantidade de dedicatórias feitas pelo poeta ao jovem, que aponta para a notabilidade que o rapaz tinha em sua vida:

A nenhuma outra pessoa dedicou o Poeta um tão elevado número de composições; e em todos os casos, aliás pouco frequentes, de dedicatória de poema a uma pessoa determinada é muito clara a razão da oferta. Não acontece isso com D. António de Noronha; alusões um pouco vagas e muito lisonjeiras ao talento do moço, que faria os seus tem-tens literários, à sua gentileza (“o mais gentil pastor que o Tejo viu”), ao facto de ter morrido tragicamente e em consequência de um destino que ele, Camões, considera semelhante ao seu próprio, não explicam uma ligação literária tão duradoura e profunda. D. António morreu aos 17 anos, quando Camões já tinha perto de 30.

(SARAIVA, 1978, p. 82).

Tomando a questão das dedicatórias como ponto de partida, Frederico Lourenço – renomado tradutor da *Íliada* e da *Odisseia*, lançadas no Brasil pela editora Penguin-Companhia –, levanta no romance *Pode Um Desejo Imenso* (2002) novos questionamentos sobre a “vida ignorada de Camões”, mesclando à ficção suas pesquisas sobre quem teria sido D. António de Noronha, e qual sua importância para o poeta.

Para Viola (2014), pesquisadora de dedicatórias enquanto gênero textual, em texto lido e anotado durante o desenvolvimento do relatório, esse tipo de homenagem nasce de um campo afetivo, herdado, a princípio, de obras da Antiguidade Clássica, em que eram nomeadas as fontes de inspiração – como, por exemplo, as Musas – ou de financiamento das obras literárias – como cita ela, Virgílio dedica as *Geórgicas* a Mecenas, patrocinador também das *Odes* de Horácio (p. 11). Em uma grande contradição, como é observado pela pesquisadora, as dedicatórias partem de um campo em que se confundem a atmosfera pública e a atmosfera privada, visto que a dedicatória se utiliza de “um discurso privado para se dirigir ao grande público”, mas que, indiscutivelmente, serve para nomear alguém ou algo:

Para Genette, afiguram-se dois planos: em primeiro lugar, o destinatário oficial; num segundo plano, o leitor, o verdadeiro destinatário da obra. Estabelecendo ambos (o leitor e o destinatário oficial) como destinatários da dedicatória, o crítico demonstra que a leitura da dedicatória é dotada de dinamismo. De facto, quando o sujeito de

enunciação declara que dedica o livro a alguém, não só o declara a essa pessoa, como também faz essa mesma declaração, ou seja, diz à pessoa a quem dedica a sua obra que faz uma dedicatória pública. [...] O leitor atualiza o enunciado da dedicatória através do seu próprio ato de leitura, constituindo-se como testemunha de uma mensagem que parece ser orientada para um polo presumível. Desta forma, o leitor constitui-se como destinatário estável e constante, ou seja, imprescindível para a atualização do sentido do texto. Esta opinião é corroborada por Marie Laffranque (citada por Bousquet-Verbeke, 2004) ao afirmar que a dedicatória não foi feita para ser lida pelo(s) seu(s) destinatário(s), e sim por todos aqueles que terão o livro entre mãos.

(VIOLA, 2014, p. 22-23)

Assim como é consensual entre quase todos os estudiosos de Camões, a hipótese (ou a leitura) mais aceita em relação ao convívio dos dois é a de que o poeta – que circulava entre a nobreza e os universitários – foi acolhido na casa dos Noronha para servir como um preceptor ao jovem. Como aponta Frederico Lourenço, a relação entre mentor e pupilo, na época, devia tomar grande parte do dia, supondo-se, assim, que Camões e D. António de Noronha passassem muito tempo juntos, o que teria sido suficiente para que a morte do combatente, na batalha travada contra mouros em Ceuta, em 18 de abril de 1553, deixasse em Camões profundas saudades.

Essa relação entre mentor e mentorado, ainda segundo Lourenço, remete à prática da pederastia, que perdurou como uma tradição, em especial, na Grécia Antiga; em uma espécie de “ritual de iniciação” para o desenvolvimento da cidadania, eram comuns as relações homosociais entre um homem adulto e um jovem adolescente do sexo masculino, receptor de influências relacionadas à experiência militar e ao aprendizado das artes, da filosofia, etc. De acordo com Luana Neres de Sousa (2007), em estudo feito a respeito da pederastia descrita nas obras de Platão e Aristófanes, a prática poderia também envolver relações sexuais entre o mentor e o pupilo, mas há, em contrapartida, análises que ratificam o caráter pedagógico e exclusivamente metafísico entre os indivíduos. Descreve ela:

As relações pederásticas eram realizadas pelo erasta, que na obra platônica na maioria das vezes é traduzido por amante, e pelo erômeno, o amado (SCHÜLLER, 2001: 17). O erasta era um cidadão com papel ativo na sociedade, geralmente com mais de 30 anos, homem experiente e que sentia brotar em si uma vocação pedagógica ao tornar-se mestre de seu amado. O erômeno era um jovem filho de cidadão que de acordo com a historiografia geralmente possuía entre 12 e os 18 anos. Devemos elucidar que as relações pederásticas ocorriam somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas; as camadas sociais inferiores não participavam de tal processo e “cidadãos” no período clássico eram considerados apenas os homens nascidos em Atenas e filhos de pais provenientes de famílias atenienses, ou seja, os eupátridas.

(2007, p. 2-3)

Corroborando com a tese apresentada por Sousa, Rebecca Yearling (2013), em uma análise da cultura renascentista, explica que as amizades entre homens estabelecidas durante esse período – a que dá o nome de homosocialidade –, baseadas no conceito clássico da *amicitia*, estavam relacionadas às associações por emulação ou competitividade, como forma de admiração e para a reafirmação de vínculos sociais ou reforço da hierarquia social – e não como uma quebra dela, ao contrário do conceito dado pela Inquisição à prática

da “sodomia”, que era julgada como uma ação de decadência moral e de quebra das instituições sociais. Porém, também segundo Yearling (2013), existe uma dificuldade em julgar ou analisar as práticas homosociais do período clássico à luz do pensamento atual; na cultura grega, atos de contato físico, apesar de seu aspecto pedagógico, poderiam ou não representar atos eróticos:

homosociality seems often to have involved a strong homoerotic element. Stephen Orgel refers to the "sanctioned homoeroticism that played so large a role in relationships between men" during this time: male friends might declare their devotion to one another, kiss and embrace, and even share a bed. The homoerotic elements to these homosocial relationships do not, of course, necessarily imply anything more than friendship. We cannot assume that any of these close male friends were having a sexual relationship with each other. Although equally, as Stephen Guy-Bray points out, we cannot assume that any of these male friends were not having a sexual relationship either.

(2013, p. 56)

Como resultado da associação do homoerotismo à ruptura das normas sociais, de acordo com Yearling – e também devido às já citadas práticas inquisitoriais –, para que fossem aceitos, diversos dos textos renascentistas eram escritos de forma a se afastarem da noção de sodomia ou de outros elementos explícitos que tornassem o texto qualquer outra coisa além de “inofensivo” (2013, p. 57), o que poderia explicar a tomada do homoerotismo em Camões como um “subtom” em diversos de seus escritos, ou à apresentação de práticas homoeróticas como um ato de excitação que não chega à consumação (2013, p. 57), não chegando nunca a declarar explicitamente a verdadeira natureza das dedicatórias de Camões a D. António de Noronha.

### 5.1. Camões e a *Imitatio*

De toda forma, e sendo esse um ponto em que todas as análises apresentadas convergem, as dedicatórias e afetuosos versos de Camões direcionados a Noronha estão intrinsecamente relacionados à *Imitatio*, uma ação renascentista de retomada das tradições culturais das sociedades clássicas, prática que é definida por Michael P. Fronda como a “emulação de um modelo” admirável, a que se espera que um autor posterior ao autor da obra que está sendo emulada adapte sua escrita, remodelando-a e melhorando-a dentro de seu contexto atual (2012).

Segundo Maria Clara Ramos (2021), também pesquisadora do projeto “Reescrever o Século XVI” e participante dos debates mensais desenvolvidos pelo grupo durante o último ano, definida como “o acolhimento e apropriação de elementos escolhidos de determinados modelos, sejam eles mitológicos, temáticos, formais e/ou retóricos”, a *imitatio* é um conceito chave do período Renascentista (p. 17), servindo como base não somente para obras de Camões como *Os Lusíadas*, como também para élogos e, como se observa acima, em sonetos e em outros textos escritos pelo poeta, seja em relação à organização estrutural de versos, ou a alusões a figuras mitológicas pertencentes à literatura clássica, como Marte, Jacinto e Ciparisso, que serão vistas a seguir – e até mesmo à prática da escrita epistolar, que tem suas origens no sofismo e no período helenístico (FREITAS, 2016).

Ainda de acordo com Maria Clara Ramos,

a literatura renascentista herda da poesia palaciana a noção de poesia enquanto meio de comunicação social oral na sociedade, concebida para não só ser lidas em silêncio pelos destinatários, mas para ser declamada em pequenas assembleias (FRANCO, 2011a, p. 27). Nesse novo modelo cortesão, o discurso desempenha um importante papel social, enquanto plataforma de interrelacionamento, servindo para prescrever “modelos de desempenho susceptíveis de identificarem os membros da corte, enquanto tal”, “a face visível de um espírito de corpo, reunido em torno de práticas gregárias que identificam o cortesão, antropologicamente, como membro de um colectivo” (MARNOTO, 2011, p. 5)

(2021, p. 18)

sendo essa uma análise que reitera a pressuposição de um remetente para uma carta – que, como será visto adiante, no caso de Camões e da “Carta I Mandada da Índia A Hum Amigo”, porta uma mensagem para um membro da corte, e um soneto para a apreciação da mesma –, e de um leitor (como apontado por Viola) ou ouvinte das mensagens do poeta, que escreve, ademais, uma fúnebre despedida para seu pupilo.

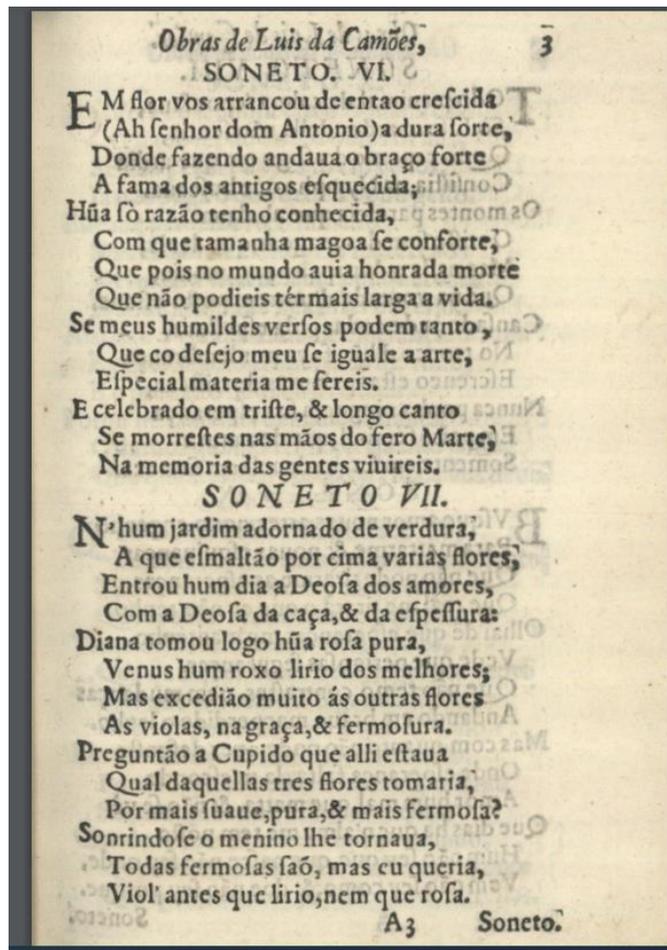
## **5.2. A morte do pupilo**

Sobre a morte de António de Noronha, Camões escreveu uma longa carta enviada da Índia a um amigo, na qual fala sobre sua estadia no exílio e lamenta muitíssimo as consequências da batalha, inserindo, ao fim dela, um soneto sobre a perda do pupilo – fac-similada na edição das *Rimas* de Camões de 1598, disponível na Biblioteca Nacional de Portugal.

Em edição anterior – a das *Rhythmas* (primeira edição da poesia lírica de Camões), de Estevão Lopes e Manoel de Lyra –, de 1595, o soneto apareceu logo no início da obra, mutilado de seu contexto original e intitulado como Soneto VI; a carta não é anexada e nem mesmo mencionada na obra, em momento algum, sendo assim a edição de 1598 a primeira a reunir carta e soneto em publicação.

## **ANEXO VI - FAC-SÍMILE DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL**

**Soneto VI. *Rhythmas*, 1595. Soneto de Camões a D. António de Noronha, publicado sem a carta nesta edição. Disponível em: <<https://purl.pt/14880>>**



Nota-se, no entanto, que a edição de 1598 reapresenta o soneto em outra parte de seu índice, também separada da carta. Reitera-se a escolha da edição de 1598 em relação aos propósitos deste trabalho devido a ser essa a primeira documentação histórica que reúne carta e soneto, garantindo a contextualização dos versos fúnebres de Camões a D. António.

#### ANEXO VII - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

“Carta I Mandada da India A Hum Amigo”, carta dedicada por Camões a um amigo, presente na segunda edição das Rimas do poeta; na carta aparece também o soneto dedicado a D. António de Noronha, pela primeira vez reunido em seu contexto. 1598.

Disponível em: <<http://purl.pt/14706>>

## CARTA I MANDA DA DA INDIA A HVM AMIGO:

**D**Esejei tanta hũa vossa, que cuão que pella muito desejar, a não vi. Porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que mais presto ha de negar. Mas por que outras Naos me não fagaõ tamanha offensa, como he fazerem me sospetar que vos não lembro; determinei de vos obrigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos vereis o q̄ quero que me escrevais dessa terra. Em pago do qual, darei mão vos pago com nouas desta, que não serão más no fundo de hũa arca para aiso de algũs auentureiros, que cuidão que todo o mato he ouregão, e não sabem que cá e lá más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforçar a quantas speranças dera de comer até então, com pregaõ publico por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E a si posto em estado que me não via senão por entre lusco, e fusco, as derradeiras palanras que na Naõ disse, foram as de Scipião Africano: Ingrata patria non possidebis ossa mea. Porque quando cu-

do que sem peccado, que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tentões, danadas vontades, nascidas de pura enveja, de verem su amada yedra de si arrancada, e em outro muro afida, da qual tambem amizades mais brandas que cera se ascendião em odios que demanda speraõ, e o lume que me deitava mais pingos na fama que os couros de hum leitão. Então ajuntou se a isto acharem me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pellas solas dos pés, as quaes de mas não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar conuersações da mesma impressã, a quem fracos punhão maõ nome, vingando com a lingua o que não podião com o braço. Em fim, senbor eu não sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armaõ os acontecimentos, senão com me vir para esta, onde viuo mais venerado, q̄ os touros da Merciana, e mais quieto que a cela de hum frade Pregador. Da terra vos sei dizer que he máy de vilões roins, e madrastra de homẽs honrados. Porque os que se cá lanção a buscar dinheiro, sempre se softenão sobre a agoa com hexigas. Mas os que sua opinião deita a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos a praya. Porque sabeis que antes que amadureção se feção. Ia estes que tomãõ esta opinião de valentes ás costas crede que nunca riberas del Duero arriba caualgarão

Camoranos, que roncãs de tal soberbia entre si fuessem hablando, e quando vem ao effeito da obra saluãose com dizerem, que se não podem fazer tamanhas duas cousas como he prometer, e dar. Informado disto, veo a esta terra Ioão T oscano, que como se achaua em algũ magusto de rofiões verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la biua sangre. Calisto de Siqueira se veo com mais hmanamente, por que a si o prometto em hũa torneta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serrão, que sicut e nos manqueja de hũ olbo, se tẽ cá prouado arrezoadamente. Por q̄ fui tomado por juiz de certas palauras de q̄ elle fez desdizer a hũ soldado, o qual polla postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta. Se das damas da terra q̄reis nouas, as quaes são obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a festa de são F. Pero Gonçalues: sabeis q̄ as Portuguesas todas caẽ de maduras, q̄ não ha cabo q̄ lbe tenha os pões se lbe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, alem de serem derrala, fazeime m. que lbe faleis algũs amores de Petrarca, ou de Boscão, respondem vos hũa lingoagem meada de eruilbaca, que traua na garganta do entendimento, a qual vos lança agoa na feruura da mòr quentura do mudo. Hora julgai seõor o que sentirã hum estamago costumado a resistir as falsidades de hũ rofinho de taurã de hũa dama Lisbonense, que chã como pucarinho nono com a agoa, vendose

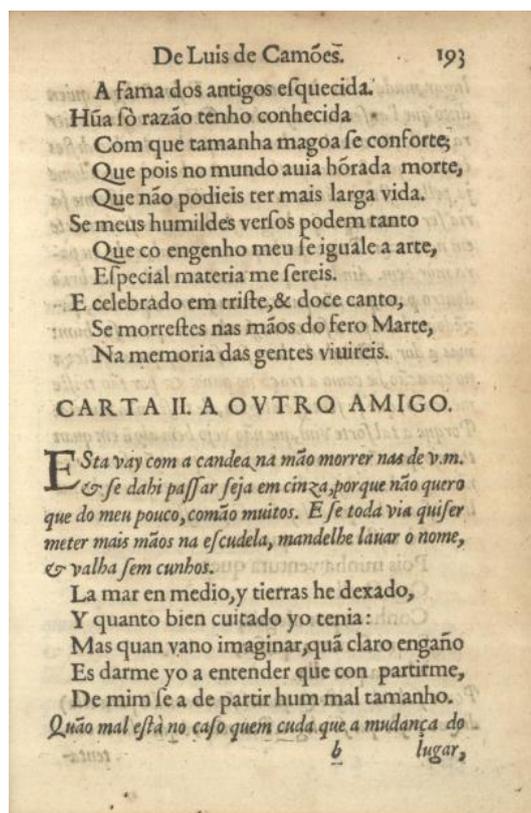
agora entre esta carne de selé, que nenhum amor dá de si, como não chorarã las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que ás molheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alca da com barão, e pregaõ, que não recem seis meses de mã vida por esse mar; que eu as espero, com profissão, e paleo renestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lbe irãõ entregar as chaues da cidade, e reconbecerã toda a obediencia a que por sua muita ida de são ja obrigadas. Por agora não mais senão que este Soneto que aqui vay, que fiz a morte de dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata algũa cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vola mandava para a mostrardes lá a Miguel Diaz, que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escreuer muitas cartas para o Reyno me não deu lugar. Tambem lá escreuo a Luis de Lemos, em resposta doutra que vi sua, se lba não derãõ, saiba que he culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crecida

Ah seõor Dom Antonio, a dura sorte!

Donde fazendo andaua o braço forte

A fa-



### TRANSCRIÇÃO

(Desenvolvida a partir da familiarização com a leitura do soneto e da carta, levando em conta a leitura e transcrição do alfabeto tipográfico, como consta na edição de 1598.)

Desejei tanta hũa vossa, que cudo que pella muito desejar, a não vi. Porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras Naos me não fação tamanha offensa, como he fazerem-me sospeitar que vos não lembro; determinei de vos obrigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos vereis o q̃ quero que me escrevais dessa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos pago com nouas desta, que não serão mäs no fundo de hũa arca para aviso de algũs aventureiros, que cudão que todo o mato he ouregãos, & não sabem que cá, & lâ mäs fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas speranças dera de comer ate então, com pregão publico por falsificadores de moeda. E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que não via senão por entre lusco, & fusco, as derradeiras palavras que na Nao disse, forão as de Scipião Africano: Ingrata patria non possidēbis ossa mea. Porque quando cudo do que sem pecado, que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de mäs lingoas, peores tenções, danadas vontades, nascidas de pura enveja, de verem su amada yedra de si arrancada, & em outro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas que cera se ascendião em odios que demanda speravão, & o lume que me deitava mais pingos na fama que os couros de hum leitão. Então ajuntouse a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pellas solas dos pés, as quaes de mas não verem nunca, me fez ver as de muitos, & não engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punhão mao nome, vingando com a lingoa o que não podião com o braço. Em fim, senhor, eu não sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armavão os acontecimentos, senão com me vir para esta, onde vivo mais venerado, q os touros da Merciana, & mais quieto que a cela de hum frade Pregador. Da terra vos sei dizer que he mãy de vilões roins, & madrasta de homens honrados; Porque os que se câ lanção a buscar

dinheiro, sempre se ostentão sobre a agoa com bexigas. Mas os que sua opinião deita, a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos â praya.

Porque sabeí que antes que amadureção se secão. Ia estes que tomavão esta opinião de valêtes âs costas cre de que nunca riberas del Duero arriba cavalgarão Camoranos, qué roncás de tal soberbia entre si fuessen hablando, & quando vem ao affeito da obra salvãose com dizerem, que se não podem fazer tamanhas duas cousas como he prometer, & dar. Informado disto, veo a esta terra loão Toscano, que como se achava em algu magusto de rofiões verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la biva sangre. Calisto de Siqueira se veo câ mais humanamente, porque assi o prometteo em hua tormeta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hu olho, se tê câ provado arzeoadamente. Porq fui tomado por juiz de certas palavras de q elle fez desdizer a hu soldado, o qual polla postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta; Se das damas da terra qreis novas; as quais são obrigatorias a hua carta, como marinheiros a festa de São F. Pero Gonçalves: sabeí q as Portuguesas todas câe de maduras, q não ha cabo q lhe tenha os pôtos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, alem de serem derrala, fazeime m.que lhe faleis alguns amores de Petrarca, ou de Boscão, respondem vos: hua lingoagem meada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lâça agoa na feruura da mór quentura do mudo. Hora julgai señor o que sentirà hum estamago costumado a resistir as falsidades de hu rostinho de tauxiã de hua dama Lisbonense, que chia como pucarinho novo com a agoa, vendose agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dê de si, como não chorarà las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que as molheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baração, & pregão, que não receeis seis meses de má vida por esse mar; que eu as espero, com procissão, & paleo revestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, & reconheceram toda a obediencia a que por sua muita idade são ja obrigadas. Por agora não mais senão que este Soneto que aqui vay, que fiz à morte de dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pesou. Hua Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem tratta alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vola mandara para a mostrardes lâ a Miguel Diaz que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escrever muitas cartas para o Reyno me não deu lugar. Tambem là escrevo a Luis de Lemos, em reposta doutra que vi sua, se lha não derão, saiba que he culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crecida  
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte!  
Donde fazendo andava o braço forte  
A fama dos antigos esquecida.  
Hũa só razão tenho conhecida  
Com que tamanha magoa se conforte,  
Que pois no mundo auia hõrada morte,  
Que não podieis ter mais larga vida.  
Se meus humildes versos podem tanto  
Que co engenho meu se iguale a arte,  
Especial materia me sereis.  
E celebrado em triste, & doce canto,  
Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
Na memoria das gentes vivireis.

## 6. Carta I - Mandada da Índia a Hum Amigo

Enviada da Índia, como cita o título dado pela edição de 1598, a carta escrita por Camões contém os desabafos do poeta sobre sua permanência no exílio. Ele a inicia falando sobre as dificuldades em se comunicar com os amigos exilados ou localizados em outras terras, citando a ironia da fortuna em negar a ele o que mais deseja; esperava receber uma

carta do amigo, mas como isso era o que mais queria, uma carta a ele não foi entregue, e portanto, se coloca ele mesmo a escrever – também para que não pense que o destinatário “esqueceu-se” dele, situação que, ao contrário, ofenderia o poeta. Em troca de saber como anda o exílio do amigo, Camões oferece alguns comentários sobre a terra em que ele mesmo está exilado, já apontando, desde o primeiro parágrafo, para o tédio em que se encontra, apesar de não estar em uma terra necessariamente ruim (“*Em pago do qual, d’ante mão vos pago com nouas desta, que não serão más no fundo de hũa arca para aviso de algũs aventureiros, que cudão que todo o mato he ouregãos, & não sabem que cá, & lâ màs fadas ha.*”).

Sobre a viagem até a terra do exílio, Camões tristemente diz que se despiu de todas as esperanças de retornar à terra natal, e que lembrou-se, na Nau, das palavras de Cipião Africano, general romano que teve grande destaque nas Guerras Púnicas e que, antes de morrer, auto-exilado na Campânia, proferiu os dizeres: “Minha pátria ingrata não terá meus ossos antes de morrer.” (“*Ingrata patria non possidébis ossa mea*”). Para Camões, a viagem até o exílio foi o mesmo que uma viagem “para outro mundo”, tamanhas diferenças proporcionadas por sua nova morada, e correspondeu a uma viagem de três dias pelo Purgatório.

Camões cita o verso “*su amada yedra de si arrancada, & em outro muro asida*”, de uma das éclogas de Garcilaso de la Vega – poeta castelhano da corte de Carlos V –, *Salicio*, para referenciar o sofrimento enfrentado na ida ao exílio. Os sonetos de Vega falam sobre a perda da amada, e sobre sua impotência em não poder fazer nada para tê-la de volta, com um verso que se repete: “*salid sin duelo, lágrimas, corriendo.*” (“sair sem duelo, sem lágrimas, correndo”) – situação metaforada por Camões, que não pôde resistir ao comando do exílio.

[...]

Tus claros ojos, ¿a quién los volviste?  
¿Por quién tan sin respeto me trocaste?  
Tu quebrantada fe, ¿dó la pusiste?  
¿Cuál es el cuello que como en cadena  
de tus hermosos brazos añudaste?  
No hay corazón que baste,  
aunque fuese de piedra,  
viendo mi amada hiedra  
de mí arrancada, en otro muro asida,  
y mi parra en otro olmo entretejida,  
que no s'esté con llanto deshaciendo  
hasta acabar la vida.  
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

(VEGA, 1503-1536, *Salicio*)

Para ele, sua ida ao exílio se compara à fraqueza de Aquiles, que na *Ilíada*, de Homero, é acertado e morto em batalha justamente onde não estava protegido por armadura. Considera-se vítima de injustas denúncias, causadas por invejas, más impressões e mal entendidos, de pessoas que o golpearam “com a língua, quando não podiam usar o braço”, ou seja, utilizaram da difamação no lugar da força física.

No exílio, no entanto, ele vive “mais venerado que os touros da Merceana” (na tradição popular, os touros da Merceana são parte de uma lenda que conta que os animais levaram um pastor a uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, que, mesmo quando era removida,

retornava ao mesmo local, onde hoje está construída a Igreja de Nossa Senhora da Piedade), e mais quieto que a cela de um frade pregador – um desabafo, novamente, sobre o tédio causado pela falta de acontecimentos no exílio –, e diz que aquela terra tornou-se “mãe de homens ruins e madastra de homens honrados”; na referência aos homens honrados, provavelmente se inclui, tratando sobre homens que, assim como ele, possivelmente eram nobres e cultos também enviados ao exílio.

Conta, então, além de descrever a Índia como uma área de exploração, onde muitos vão para “buscar dinheiro” – mas que acabam por (principalmente os mouros) morrer na praia –, a realidade de alguns de seus companheiros de isolamento: João Toscano achou que o exílio era somente “comer e beber” (“*veo a esta terra loão Toscano, que como se achava em algu magusto de rofiões verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la biva sangue*”); já Calisto de Siqueira chegou “mais humanamente”, por compreender melhor a realidade do exílio, devido à gravidade do que enfrentava na terra natal; e Manoel Serrão, figura com somente um olho, que foi enviado para o exílio “arrazoadamente” (“*arrezoadamente*”), ou seja, de forma justa, visto que o próprio Camões diz ter sido testemunha de um desacato cometido por ele a uma autoridade honrada no exílio.

Dirigindo-se diretamente ao destinatário (“Se das damas da terra qreis novas”), Camões passa a falar sobre as mulheres de sua nova terra, dizendo ser esse um tópico tão obrigatório quanto a presença de marinheiros na festa de São F. Pero Gonçalves (frei canonizado pela Igreja Católica no século XII, a quem é atribuída, ainda hoje, a proteção aos navegantes e marinheiros). Sua visão é, no entanto, negativa, porque as mulheres, a quem se refere como “*derralas*”, (de ralas/rala, de má qualidade) e como “*carne de salé*” (carne salgada), não são tão cultas quanto ele e têm uma linguagem de “*ervilhaca, que trava na garganta do entendimento*”, ou seja, maliciosa, difícil de entender, cujos costumes também não são comuns ao poeta. Pede, então, para que o amigo diga às mulheres de sua terra que não tenham receio da vida que ele leva ao outro lado do mar, e que, caso queiram encontrá-lo, ele as esperará “com procissão e pálio, revestido em pontifical”, onde receberão até mesmo as chaves da cidade, já que as mulheres que lá se encontram já estão também em idade avançada para governar.

Por fim, Camões anuncia o envio de um soneto, escrito sobre a morte de D. António de Noronha, devido ao peso que o evento teve para o poeta: “*Por agora não mais senão que este Soneto que aqui vay, que fiz à morte de dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pesou.*”. Fala também sobre a égloga que “escreveu sobre o mesmo assunto”, e também sobre a morte do príncipe; uma égloga que considera melhor que muitos de seus outros escritos. Pede ao destinatário que mostre o soneto e a égloga a Miguel Diaz, a quem acredita que gostaria de lê-las, devido à amizade que mantinha com Dom António, mas que não tem recebido as cartas do poeta pois à “*ocupação de escrever muitas cartas para o Reyno*” não lhe deu lugar.

Encerrando, em si, a carta, Camões diz que escreveu uma resposta para outra carta do amigo – caso não a tenha recebido, foi devido à viagem “na qual tudo se perde”.

O soneto segue logo abaixo da despedida ao amigo, como um “anexo” à carta.

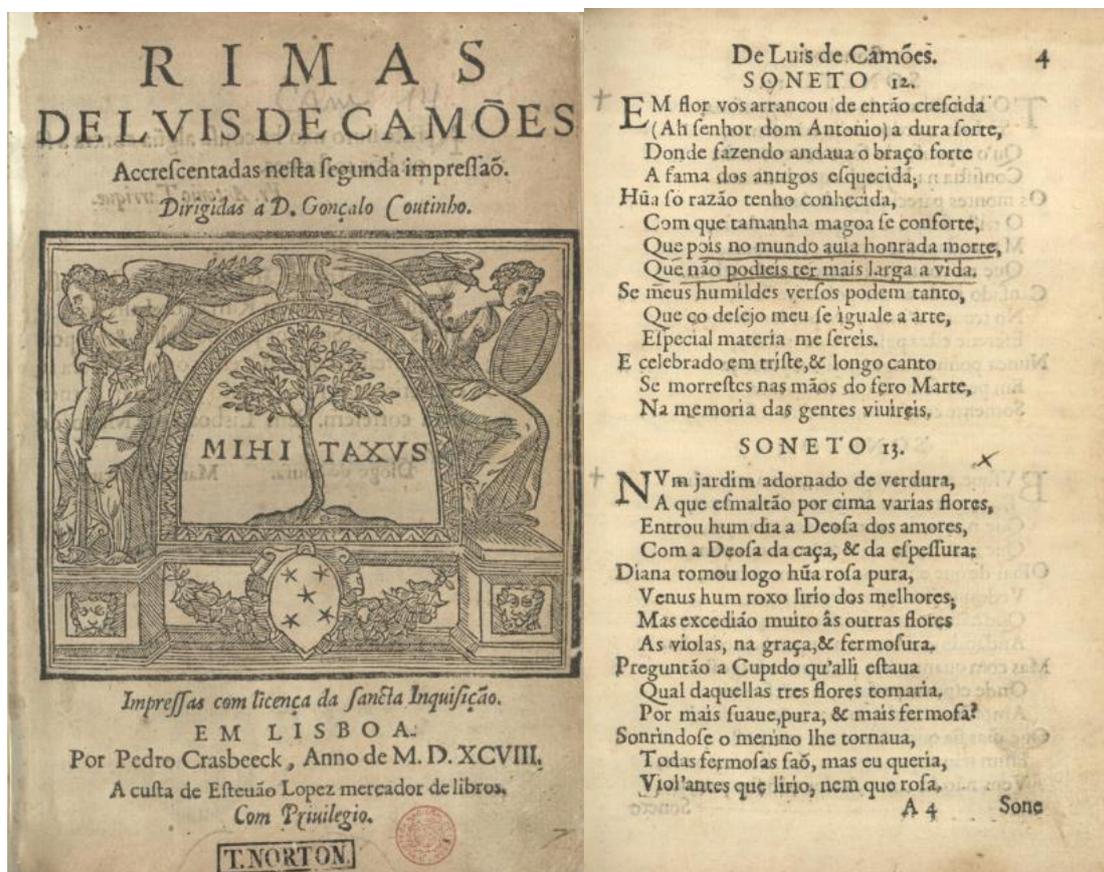
### 6.1. O soneto

## ANEXO VIII - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

SONETO 12, DE CAMÕES A D. ANTÓNIO DE NORONHA, 1598. Disponível em:

<<http://purl.pt/14706>>

Nota-se: aqui, o soneto reaparece na edição entre os outros sonetos do poeta, desvincilhado da carta que o contextualiza.



Comparando-se algumas das composições dedicadas a Noronha, é possível notar assuntos comuns a quase todas elas: o uso da palavra “alma”, descrita sempre de forma boa – ou lisonjeira, forma como Saraiva aponta que Camões constantemente se dirigia ao jovem –, e por vezes acompanhada por adjetivos como “gentil”. Também é comum o tema da morte e do amor que permanece mesmo depois dela.

O soneto sobre a morte de D. António de Noronha, que não pode ser dissociado da carta onde apareceu pela primeira vez, é um dos poucos dados biográficos presentes na obra de Camões; sabe-se da existência do jovem combatente devido ao que escreve ao amigo, sabe-se da sua morte e do quanto pesou para o poeta. O soneto fúnebre, a ele dedicado, demonstra a proximidade do preceptor com seu pupilo, que, como dito anteriormente, deixou em Camões profundas saudades e a necessidade de homenageá-lo.

Na primeira quadra do soneto, é citado diretamente o nome do pupilo (“Ah! Senhor Dom António!”). Camões lamenta a prematura partida do jovem, que, como apontam os biógrafos, teria morrido aos dezessete anos de idade, dizendo que ele foi arrancado da vida “em flor pela dura sorte”, elemento que remete ao desconcerto e à instabilidade do mundo, tão cantados pelo autor. O único conforto para sua mágoa, citado na quadra seguinte, é o de que, para a honrada morte, no campo de batalha, D. António realmente não poderia ter uma

vida mais longa, pois essa era a sua fortuna, o seu destino – apesar de ser a fortuna, como demonstra a Carta da Índia (1598), algo que comumente aborrece o poeta por negá-lo aquilo que mais deseja (“Porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que mais presto ha de negar.”); nesse caso, a longa vida de Noronha.

Nos três versos seguintes, que compõem o primeiro terceto, Camões descreve o desejo de que sua arte e seus humildes versos consigam fazer jus à forma como ele quer que o assunto seja tratado; aqui, é dito pelo poeta que D. António de Noronha será, para ele, especial matéria, ou seja, assunto de muita estima, e é possível ver o empenho do poeta em fazer um poema digno de ser lido pelos amigos de D. António, pois o poeta menciona na carta que gostaria que o soneto fosse entregue a Miguel Diaz.

Já no terceto final, o poeta volta a falar de sua mágoa (seu “triste e doce canto”), mas ressalta que o jovem continuará vivendo “na memória das gentes”– ele já está, afinal, imortalizado no soneto de Camões e na memória de amigos como Miguel Diaz – mesmo depois de sua morte pelas mãos do fero Marte, o deus romano da guerra – uma alusão ao fato de que D. António morreu em uma batalha, lutando contra mouros, e, novamente, um indicativo a respeito do que pensava Camões a respeito da fortuna do jovem; ele morreu pelas mãos de uma divindade, pelas mãos da sorte, e nada poderia ser feito contra a escolha do deus Marte.

Uma nova referência ao deus Marte aparece na *Écloga dos Faunos*, dirigida também a D. António de Noronha, reconhecida pela crítica literária como uma obra paralela ou semelhante ao canto IX de *Os Lusíadas*, longo poema épico escrito por Camões. Neste, é narrado o episódio da Ilha dos Amores, natureza paradisíaca onde ocorre uma perseguição que culmina na consumação sexual, tema presente também na *Écloga dos Faunos*.

Lourenço, no *Dicionário de Luís de Camões*, compara as duas composições, ao passo que

em ambos os textos há um ambiente de sexo transgressivo que se instaura por via da função subversiva das alusões mitológicas, muitas delas alusivas ao incesto (relações sexuais entre irmão e irmã ou entre pai e filha), à violação e à homossexualidade (que marca presença na referência aos amores de Apolo por Jacinto e Ciparisso em ambos os textos).

(2011, verbete da palavra “Amor”)

Os amores de Apolo por Jacinto e Ciparisso são ambos narrados nas *Metamorfoses* de Ovídio, no livro X, versos 162-219 e 106-142, respectivamente. A trágica história de Jacinto narra que, durante um jogo, Apolo joga a seu amado um disco, que acidentalmente o acerta e mata instantaneamente; Jacinto se transforma, assim, em uma flor. Já no segundo mito, Ciparisso é o causador do erro que o leva a uma morte simbólica; o jovem mata despropositadamente um cervo dado a ele por Apolo, que o transforma em um cipreste; apesar de não estar necessariamente morto, é transformado em uma figura inanimada, o que não impede o luto de Apolo. Para Elaine C. P. dos Santos, Ciparisso e Jacinto “são transformados em flores e em árvores que simbolizam o eterno pesar [...] de uma divindade” (2010, p. 197). Apesar de não ter sido ele o causador da morte do jovem, é esse um pesar presente também no soneto de Camões.

Em seu romance, *Pode Um Desejo Imenso*, Lourenço traça paralelos, ainda, entre os episódios envolvendo Jacinto e Ciparisso e as histórias de Niso e Euríalo, da *Eneida* – fonte de revisitação latina, um dos “moldes” para os textos escritos na época, servindo, inclusive,

de inspiração para Camões –, considerado pelo autor apelidado como “o momento mais abertamente homoerótico de toda a epopeia antiga.” (2002, p. 47).

Apresentados sob a luz da pederastia, Niso e Euríalo são dois amantes servindo a Enéias; apesar da destreza do par, o saque adquirido por Euríalo, de alto valor, ganha destaque entre os saqueadores, que matam a dupla. Com muito lamento, a partida dos dois é cantada como uma perda admirável para a lealdade e para o amor, dotado de muita virtude. Para Lourenço, a dor da tragédia da morte de Noronha para Camões equipara-se às grandes histórias narradas nas epopeias.

Com isso, depreende-se, então, que existe um homoerotismo implícito em textos de Camões que vão além d’Os Lusíadas, obra censurada por inquisidores na época, como anteriormente citado. Esse homoerotismo, por sua vez, está majoritariamente relacionado aos poemas em que D. António de Noronha é diretamente citado, seja por dedicatória, seja porque os versos o mencionam.

Dessa forma, não se sabe ao certo se a relação entre o preceptor e seu pupilo era meramente platônica e unilateral, servindo assim a imagem do jovem apenas como inspiração ao poeta, que poderia ter nutrido uma paixão por ele, que nunca transcendeu ao plano físico, ou se era essa relação alimentada por ambos e escondida não somente de Violante e D. Francisco de Noronha, mas também dos olhares públicos, que já à época tanto criticavam Camões. Sabe-se apenas das já citadas dissonâncias entre as diferentes edições de Camões, censuradas, revistas, refeitas, etc., e da resistência por parte dos biógrafos em retratar a “vida ignorada” de Camões, muito por preconceitos e estranhamentos, muito pela dificuldade em encontrar fatos reais e documentados sobre a vida do poeta.

Como pode-se notar, passaram a existir recentemente, no entanto, projetos que buscam retratar o que foi deixado de fora de tantas biografias, notas, comentários acerca da obra do poeta, na procura por criar uma biografia com detalhes mais sólidos.

Como dizem os últimos versos do poema “À morte de D. António de Noronha”, na memória das gentes Noronha viveu e tem vivido até os dias de hoje, através da imortalização dos versos da poesia de Camões e do resgate de grandes “curadores” de textos – editores com trabalhos de pesquisas mais esclarecidos e um pouco mais distantes dos julgamentos que afetaram, anteriormente, a obra do poeta.

## **7. Diferenças entre o soneto na carta e o Soneto 12**

Algumas diferenças editoriais foram notadas durante a realização da leitura do soneto enquanto componente da carta e enquanto soneto individual, que na edição de 1598 recebe o nome de Soneto 12.

Ao analisá-los lado a lado, como será apresentado na tabela a seguir, é possível notar algumas alterações em relação à pontuação, ao uso de maiúsculas (no segundo verso, em “Dom”/“dom”), e na substituição de palavras que, apesar disso, não alteram a métrica e a rima do soneto.

Observando seu percurso editorial, descobre-se que a edição de 1598 manteve, para o Soneto 12 (individual, separado da carta), a mesma edição de 1595, que apresenta o soneto como obra lírica também individual, com o nome de Soneto VI.

Na tabela, as diferenças de edição estão sublinhadas pelo uso de negrito.

SONETO NA CARTA	SONETO 12
Em flor vos arrancou de então crecida	Em flor vos arrancou de então crecida
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte!	(Ah senhor dom Antonio) a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte	Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antigos esquecida.	A fama dos antigos esquecida;
Hũa só razão tenho conhecida	Hũa <b>so</b> razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,	Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia hõrada morte,	Que pois no mundo auia <b>hon</b> rada morte,
Que não podieis ter mais larga vida.	Que não podieis ter mais larga <b>a</b> vida.
Se meus humildes versos podem tanto	Se meus humildes versos podem tanto,
Que co <b>engenho</b> meu se iguale a arte,	Que co <b>desejo</b> meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.	Especial materia me sereis.
E celebrado em triste, & <b>doce</b> canto,	E celebrado em triste, & <b>longo</b> canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,	Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.	Na memoria das gentes vivireis.

## 8. Percurso editorial da carta e soneto: análise comparativa entre a edição de 1598 e edições posteriores

Reiterando as informações já apresentadas em itens anteriores, a edição das Rimas de Camões de 1598 é a primeira a publicar carta e soneto juntos, tendo sido esse o motivo para a escolha de sua utilização para a análise principal deste trabalho; na edição de 1595, anterior, o soneto, nomeado como Soneto VI, aparece sozinho, separado da carta que o contextualiza.

Como também mencionado anteriormente, a obra de Camões sofreu interferências e alterações feitas por diversos editores, às custas de financiamentos econômicos que visavam a distribuição dos textos, em especial, em Universidades e entre letrados. Devido a isso, em edições posteriores à de 1598, é possível notar que, por vezes, a carta ou o soneto voltaram a ser publicadas sozinhas, por escolhas editoriais feitas em cada ano de publicação; em outros momentos, carta e soneto seguiram unidas e contextualizadas, sem grandes alterações em relação à edição original.

A seguir, uma breve análise do percurso editorial dos textos, em uma análise comparativa, até o retorno da publicação das Rimas pelas mãos da família Craesbeeck.

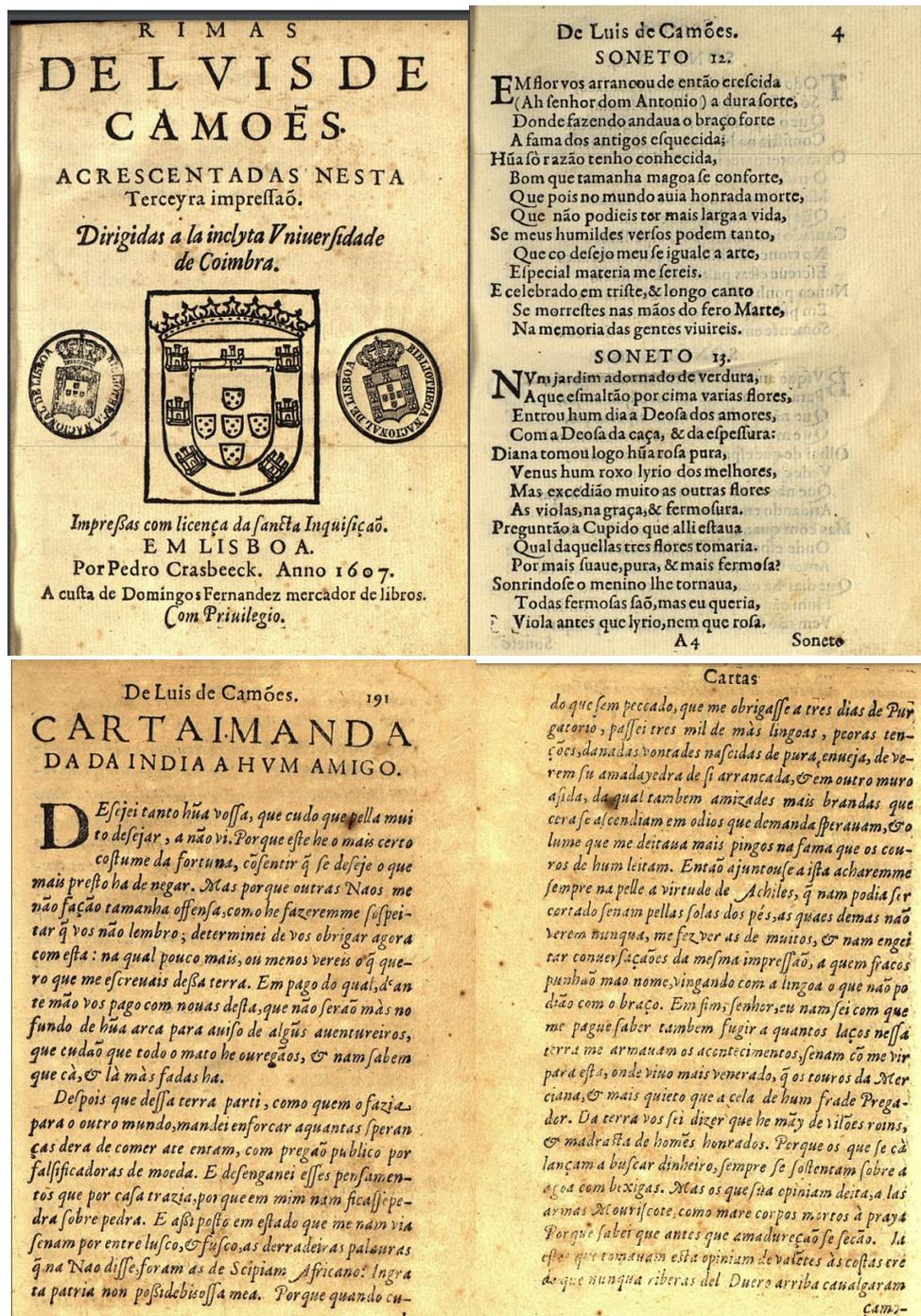
### 8.1. Edição de 1607

Como aponta Anastácio (2010), e conforme consta na base de dados da Biblioteca Nacional Digital de Portugal, a edição de 1607, realizada por Craesbeeck, não apresentou grandes mudanças em relação à versão publicada, também por Craesbeeck, em 1598.

Assim como na edição anterior, a carta aparece junto ao soneto, e, em outra parte do índice, o soneto, aqui nomeado como Soneto 12, aparece sozinho, como componente individual da obra lírica de Camões.

## ANEXO IX - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

Edição das Rimas de 1607. Disponível em: <<https://purl.pt/14138>>



camoranos, que roncás de tal soberbia entre si fuessem  
hablando, & quando vem ao effeito da obra saluamse  
com dizerem, que se nam podem fazer tamanhas duas  
coufas como he prometer, & dar. Infirmado disto, veo  
a ista terra Ioam Toscano, que como se achaua em algũ  
maguisto de rosões verdadeiramente, que alli era su co  
mer las carnes crudas, su beber lá bina sangue. Calisto  
de Siqueira se veo cá mais humanamente, porque assi o  
prometteo em hũa tormẽta grande em que se vio. As  
hum Manoel Serram, que sicut & nos manqueja de hũ  
olho. se tẽ cá prouado arrezoadamente. Porq̃ fui tẽma  
do por juiz de certas palcuras de q̃ elle fez deslizer a  
hũ soldado, o qual pollá postura de sua pessoa, era cá ri  
do em boa conto. Se das damas da terra greis nouas, as  
quais são obligatorias a hũa carta, como marinheiros à  
festa de são F. Pero Gonçalues: sabei q̃ as Portuguezas  
todas caõ de maduras, q̃ nam ha cabo q̃ lhe tenha os p̃  
tos se lhe quiserem lancar pedaco. Pois as que a terra  
dá, alem de serem dirrala, fazime m. que lhe faleis al  
gũs amores de Petraca, ou de Boscão, respondem vos  
hũa linzoagem meada de eruilhaca, que traua na gar  
ganta do entendimento a qual vos lança agoa na ferida  
ra da mór quentura do mũdo. Hora julgai señor o que  
sencir à hum estamago costumado a resfilar as falsida  
des de hũ rostinho de tauca de hũa dama Lisboa: nin  
se, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vende se  
agora

agora entre esta carne de selé, que nenhum amor dá de  
si, como não chorar à las memorias de in illo tempore?  
Por amor de mim, que ás molheres desta terra dizais  
de minha parte, que se quorem absolutamente ter alca  
da com baraco, & pregao, que não receem seis meses  
de mã vida por esse mar, que eu as espero, comproci  
são, & paleo reuefido em pontifical, aõnde estoutras  
senhoras lhe irão entregear as chaues da cidade, & re  
conheceram toda a obediencia a que por sua muita ida  
de são ja obrigadas. Por agora não mais senão que e  
ste Soneto que aqui vay, que fiz à morte de don Anto  
nio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della  
me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia,  
a qual tambem tratta algũa cousa da morte do Prin  
cipe, que me parece melhor que quanto fiz. Tambem  
vola mandara para a mostrardes lá a Niquel Diaz,  
que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de  
a ver, mas a occupação de escreuer muitas cartas pa  
ra o Reyno me não deu lugar: Tambem lá escreuo a  
Luis de Lemos, em resposta doutra que vi sua, se lha  
não derão, saiba que he culpa da viagem na qual tudo  
se perde. Valle.

Em flor vos arrancou 'de então crecida  
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte?  
Donde fazendo andaua o braço forte  
A fa-

A fama dos antigos esquecida.  
Hũa lô razão tenho conhecida  
Com que tamanha magoa se conforte;  
Que pois no mundo auita hõrada morte,  
Que não podieis ter mais larga vida.  
Se meus humildes versos podem tanto  
Que co engenho meu se iguale a arte,  
Especial materia me fereis.  
E celebrado em triste, & doce canto,  
Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
Na memoria das gentes viuireis.

## CARTA II. A OVTRO AMIGO.

Seu vay com a candeia na mão morrer nas dev. m.  
E se dahi passar seja em cinza, por que nam quero  
que do meu pouco, comão muitos. E se todavia qui  
ser meter mais mãos na escudela, mandelhe lauar o no  
me, & valha sem cunhos.  
La mar en medio, y tierras he dexado,  
Y quanto bien cuytado yo tenia:  
Mas quá vano ymaginar, quá claro engano  
Es darme yo a entender, que con partirme,  
De mim se ha de partir hum mal tamanho;  
Quão mal está no caso quem cnda que a mudança do  
B lugar

Como se nota, alterações não estão presentes nem mesmo na tipografia utilizada na nova edição; o alfabeto e a forma de escrita seguem o mesmo formato da edição de 1598, bem como abreviaturas, etc.

## **8.2. Edição de 1614**

Primeira edição das Rimas a ser publicada por outros editores, após o fim do período de exclusividade de Craesbeeck, a edição de 1614 foi editada por Vicente e António Álvares, dando início à “corrida” pelas publicações da obra lírica de Camões entre os dois editores e o editor anterior.

Em relação ao soneto, poucas alterações foram feitas: os novos editores optaram por seguir as mesmas regras de pontuação de Craesbeeck, além da utilização da mesma nomenclatura para o soneto, Soneto 12. Nele, a tipografia não se altera tanto.

Já a carta tem alterações visíveis, primeiramente, em seu título; nessa edição, ela passa a ser chamada de “Carta I Mandada da India A Hum Seu Amigo.”. Alterações tipográficas, ainda que não gravemente discrepantes, podem ser observadas aqui com maior facilidade – visto que a escrita é um pouco mais cuidadosa e espaçada, e provavelmente também devido aos níveis de conservação do fac-símile, a leitura dessa edição torna-se mais agradável ao leitor. Uma alteração bastante significativa se apresenta na palavra “Vale”, que encerra a carta.

## **ANEXO X - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL**

**Edição das Rimas de 1614. Disponível em: <<https://purl.pt/13987>>**

R I M A S  
**DE LVIS DE CAMÕES.**  
 PRIMEIRA PARTE.  
*Acrefcentadas nesta quinta impressão.*  
 DIRIGIDAS A D. GONCALO COVŨNHQ.



EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias.  
 Por Vicente Alvarez. Anno 1614.  
*A custa de Domingos Fernandex mercador de liuros.*  
 Com Priuilegio Real.

Taxxadas a 160. reis em papel.

T. NORTON.



De Luis de Camões.

4

S O N E T O 12.

**E**M flor vos arrancou de então crescida  
 (Ah senhor Dom Antonio) a dura sorte,  
 Donde fazendo andaua o braço forte  
 A fama dos antigos esquecida,  
 Hũa só razão tenho conhecida,  
 Com que tamanha magoa se conforte,  
 Que pois no mundo auia honrada morte,  
 Que não podicis ter mais larga a vida.  
 Se meus humildes versos podem tanto,  
 Que co desejo meu se iguale a arte,  
 Especial materia me fereis.  
 E celebrado em triste, & longo canto  
 Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
 Na memoria das gentes viuireis.

S O N E T O 13.

**N**Vm jardim adornado de verdura,  
 A que esmaltão por cima varias flores,  
 Entrou hum dia a Deosa dos amores,  
 Com a Deosa da caça, & da espessura:  
 Diana tomou logo hũa rosa pura,  
 Venus hum roxo lirio dos melhores;  
 Mas excedião muito ás outras flores  
 As violas, na graça, & fermosura.  
 Preguntão a Cupido qu'alli estaua  
 Qual daquellas tres flores tomaria.  
 Por mais suaue, pura, & mais fermosã?  
 Sontindose o menino lhe tomaua,  
 Todas fermosas são, mas eu queria,  
 Viol'antes que lirio, nem que rosa.

A 4

Soneto

De Luis de Camões.

191

**CARTA I. MANDA**  
**DA DA INDIA A HUM SEV**  
 Amigo.

**D**esejei tanto hũa vossa, que cuido que pella  
 muito desejar a não vi. Porque este he o mais  
 certo costume da fortuna, consentir que se de  
 seje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras  
 Naos me não fação tamanha offensa, como he fazer e  
 me sospeitar que vos não lembro, determinei de vos o  
 brigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos  
 vereis o que quero que me escreuais dessa terra. Em pa  
 go do qual, d'ante mão vos pago com nouas desta, que  
 não serão más no fundo de hũa arca para auiso de al  
 gũs auentureiros, que cuidão que todo o maro he cure  
 gãos, & não sabem que cá, & là mas fadas he.

Depois que dessa terra parti, como quem o fazia  
 para o outro mundo, mandei enforcar a quãta speran  
 ças dera de comer até então, com pregão publico por  
 falsificadoras de moeda. E desfenganei esses pensamen  
 tos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pe  
 dra sobre pedra. E assi posto em estado que me não via  
 senão por entre lusco, & fusco, a derradeiras palavras  
 q' me Naos disse, forão as de Scipião Africano: *Ingra  
 ta patria non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido

Cartas

do que sem pecado, que me obrigasse a tres dias do Pur  
 gatorio, passei tres mil de más lingoa, peores cen  
 ções, danadas vontades, nascidas de pura enueja, de v e  
 re su amada yedra de si arrancada, & em outro muro  
 afida, da qual tambem amizades mais brandas que  
 cera se ascendião em odios que demanda sperauão, & o  
 lume que me deitaua mais pingos na fama que os cou  
 ros de hum leitão. Então ajuntouse a isto acharemme  
 sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser  
 cortado senão pella sola dos pés, as quaes de mas não  
 verem nunca, me fez ver as de muitos, & não engeitar  
 conuersações da mesma impressão, a quem fracos pu  
 nhão mão nome, vingando com a lingoa o que não po  
 dião com o braço. Em fim senhor, eu não sei com que  
 me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa  
 terra me armauão os acontecimentos, senão com me vir  
 para esta, onde viuo mais venerado, q' os touros da Mer  
 ciana, & mais quieto que a cela de hum frade Prega  
 dor. Da terra vos sei dizer que he mãy de vilões roins,  
 & madrastra de homẽs honrados. Porque os que se cá  
 lanção a buscar dinheiro, sempre se sostenião sobre a  
 agoa com hexigas. Mas os que sua opinião deita, a las  
 armas Mouriscote, como maré corpos mortos à praya.  
 Porque sabri que antes que amadureção se secão. Ia  
 estes que tomauão esta opinião de valétes ás cosas cre  
 do que nunca riberas del Duero arriba canalgaram

camo.

camoranos, que roncás de tal soberbia entre si fuessem hablando, & quando vem ao effeito da obra saluãõse com dizerem, que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometer, & dur. Informado disto, veo a esta terra toão Toscano, q̄ como se achaua em algum magufo de rostoes verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la bina sangue. Calisto de Siqueira se veo cá mais humanamete, porque assi o prometteo em hũa tormeta grande em que se vio. Mas hũ Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hũ olho, se te cá prouado arrezoadamete. Porq̄ fui tomado por juiz, de certas palauras de q̄ elle fez desdizer a hũ soldado, o qual polla postura de sua pessoa, era cá tido em boa cõta. Se das damas da terra q̄reis nouas, as quais sãõ obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a festa de S. F. Pero Gõçalues: sabeí q̄ as Portuguesas todas cae de maduras, q̄ não ha cabo q̄ lhe tenha os porsos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, alem de serem de rala, fazei-me m. que lhe faleis alguns amores de Petrarca, ou de Boscão, respondem vos hũa lingoagem meada de eruilhaca, que traua na garganta do e neendimeto, a qual vos lança agoa na seruirra da mór quentura do mundo. Hora julgai seõor o q̄ se encirã hum estamago costumado a resistir as falsidades de hũ rosinho de tauxia de hũa dama Lisbõense, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vendose

agora.

agora entre esta carne de sele, que nenhum amor dà de si, como não chorarã las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que às molheres dessa terra digais de minha parte, que se querẽ absolutamente ter acaida com baraço, & pregão, que não receem seis meses de mã vida por esse mar, que eu as espero, com procição, & paleo reueftido em pontifical, a donde estoutras senhoras lhe irãõ entregar as chaues da cidade, & re conhecerãõ toda a obediencia, a que por sua muita ida de sãõ ja obrigadas. Por agora não mais senãõ que este Soneto que aqui vay, que fiz à morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata algũa coisa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vola mandarã para a mostrardes lã a Miguel Diaz, que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escreuer muitas cartas para o Reyno me não deu lugar. Tambem lã escreuo a Luis de Lemos, em resposta doutra que vi sua, se lha não derãõ, saiba que he culpa da viagem, na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crecida  
Ah seõhor Dom Antonio, a dura forte:  
Donde fazendo andaua o braço forte  
A fa-

A fama dos antigos esquecida,  
Hũa só razão tenho conhecida  
Com que tamanha magoa se conforte;  
Que pois no mundo auia hórada morte,  
Que não podicis ter mais larga vida.  
Se meus humildes versos podem tanto  
Que co engenho meu se iguale a arte,  
Especial materia me fereis.  
E celebrado em triste, & doce canto,  
Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
Na memoria das gentes viuireis.

## CARTA II. A OVTRO AMIGO;

**E** Sea vay com a candeia na mão morrer nas de  
v. m. & se dahi passar seja em cinza, porque não  
quero que do meu pouco, comãõ muitos. E se  
rodavia quiser metter mais mãos na escudela, mande  
lhe lauar o nome, & valha sem cumhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,  
Y quanto bien cuytado yo tenia:  
Mas quã vano y imaginar, quã claro engaño  
Es dar-me yo a entender que con partime,  
De mim se hade partir hum mal tamanho.  
Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do  
b lugar,

## 8.2.1. Edição de 1615

A edição de 1615, também feita pelos Álvares, é um segundo volume para a edição de 1614, de menor número de páginas e imprimindo, agora, “duas comedias do autor, dous epitafios feitos a sua sepultura, que mandarãõ fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim

Gonçalvez da Camara, e hum prologo em que conta a vida do author.”, reafirmando a tese de Anastácio (2010) de que as obras de Camões passaram a sofrer alterações logo que um novo texto fosse encontrado. Por ser uma obra complementar à edição anterior, o soneto e a carta não aparecem nessa publicação.

### **8.3. Edição de 1621**

Também realizada pelos Álvares, em uma última publicação feita por eles, antes do retorno da exclusividade de publicação (ANASTÁCIO, 2010) às mãos da família Craesbeeck, a edição de 1621, publicada seis anos depois da mais recente publicação das Rimas, apresenta mudanças significativas em relação à tipografia e formatação da carta. A tipografia torna-se bastante padronizada, com mudanças notáveis tanto em letras maiúsculas, quanto em letras minúsculas. Em comparação com a carta de 1598, a leitura da carta, apesar de conter outro tipo de grafia e, ainda, formas arcaicas, torna-se bem menos complexa.

### **ANEXO XI - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL**

Edição das Rimas de 1621. Disponível em: <<https://purl.pt/14097>>

RIMAS  
DE LVIS DE  
CAMÕES.

PRIMEIRA PARTE  
NOVAMENTE ACRESCENTA-  
das, & emendadas nesta Impressão.

DIRIGIDAS A D. GONÇALO COV TINHO.

Com dous Epitaphios à sua Sepultura que está em Santa Anna que  
mandaram fazer Dom Gonçalo Covinho, & Martim  
Gonçalvez da Camara.



Anno

1621.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias.  
Por Antonio Alvarez.

A custa de Domingos Fernandez mercader de livros.  
Com Privilégio Real.

Barreto

De Luis de Camões. 4  
SONETO 12.

EM flor vos arranco de então crecida,  
(Ali senhor dom Antonio, a dura sorte,  
Donde fazendo andava a braço forte  
A fama dos antigos esquecida,  
Hũa so razão tenho conhecida,  
Com que tamanha magoa se conforte,  
Que pois no mundo ouia honrada morte  
Que não podeis ter mais larga a vida,  
Se meus humildes versos podem tanto,  
Que co desejo meu se iguale a arte.  
Especial materia me fereis,  
E celebrado em triste, & logo canto,  
Se morrestes nas mãos do ferro Matte,  
Na memoria das gencez viuireis.

SONETO 13.

NVm jardim adornado de verdura  
A que esmalção por cima varias flores  
Entrou hum dia a Deosa dos amores,  
Com a deosa da caça, & da espessura,  
Diana tomou logo hũa rosa pura,  
Venus hum roxo lirio dos melhores  
Mas excessão muito as outras flores  
As violas, da graça, & fermosura.  
Preguntou a Cupido qu'alli estava,  
Qual de aquellas tres dores tomaria,  
Por mais suave, pura, & mais fermosa,  
Sorrindose o menino lhe tornoua,  
Todas fermosas são, mas eu queria,  
Viola, antes que lirio, nem que rosa,

A 4 Soneto

De Luis de Camões. 191

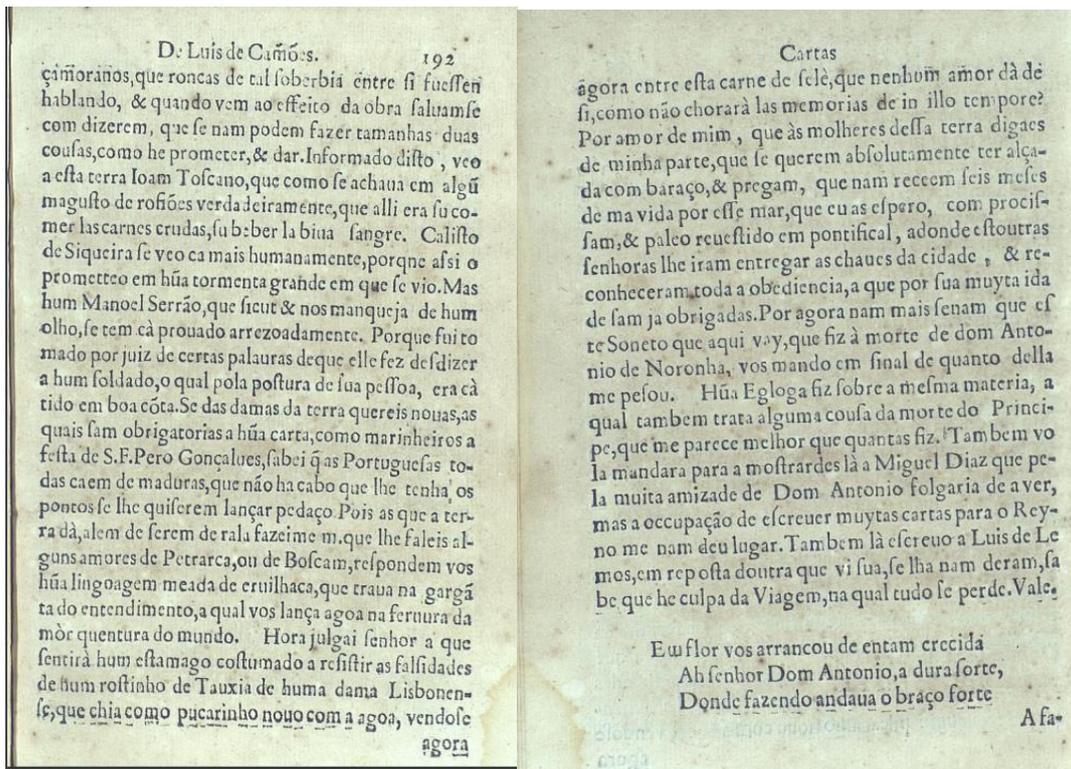
CARTA I. MANDA-  
DA DA INDIA A HVM SEV  
amigo.

Desejei tanto hũa vossa, que cuido que pella mui-  
to dejetar nam vi. Porque este he o mais cer-  
ro costume da fortuna consentir que se deseje  
o que mais presto ha de negar. Mas porque outras Na-  
os me não fação tamanha offensa, como he fuzerem me  
sospeitar que vos nam lembro deteminei de vos obri-  
gar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos ve-  
reis o que quero que me escrevais dessa terra. Em pago  
do qual, d'ante mam vos pago com nouas desta, que não  
seram mãs no fundo de hũa arca para auiso de alguns a-  
uentureiros, que cuidam que todo mato he ouregãos, &  
não sabem que cá, & lá mas fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia  
para o outro mundo, mandei enforçar aquantas speran-  
ças dera de comer ate então, com pregão publico por  
falsificadoras de moeda. E defenganei estes pensamentos  
que por casa trazia, porque em mim nam ficasse pedra  
sobre pedra. E así posto em estado que me não via se-  
nam por entre lusco, & fusco, as derradeias palauras que  
na Nao disse, foram as de Scipião Africano. Ingrata  
patria non possidebis ossa mea. Porque quando cuy-  
do

Cartas

do que sem peccado, que me obrigasse a tres dias de Pur-  
gatorio, passei tres mil de mas linguas, peores tenções,  
danadas vontades, nascidas de pura enueja, de verem  
su amada yedra de si arrancada, & em outro muro a-  
tida da qual tambem amizades mais brandas que ce-  
ra se ascendião em odios que demanda esperauam, & o  
lume que me deitava mais pingos na fama que os cou-  
ros de hum leitam. Entam ajuntouse a isto acharem-  
me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia  
fer cortado senam pellas solas dos pes, as quacs de mas  
nam verem nunca, me fez ver as de muitos, & não engei-  
tar conuersações da mesma impressam, a quem fracos  
punham mau nome, vingando com a lingua o que nam  
podiam com o braço. Em fim senhor, eu nam sei com q  
me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa ter-  
ra me armauão acontecimentos, senam com me vir pa-  
ra esta, onde viuõ mais venerado, que os touros da Mer-  
ciana, & mais quieto que a cela de hum frade Pregador.  
Da terra vos sey dizer que he mãy de vilões roins, &  
madrasta de homens honrados. Porque os que se cá  
lançãõ a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre a  
agoa com bexigas. Mas os que sua opiniam deita, a las  
armas Mouriscote, como mare corpos mortos a praya.  
Porque sabej que antes que amadureção se secam, la es-  
tes que tomauão esta opinião de valentes as costas cre-  
de que nunca riberas del Duero arriba caualgaram  
çamo-



emoraños, que roncas de tal soberbia entre si fuessen  
hablando, & quando vem ao effeito da obra saluamse  
com dizerem, que se nam podem fazer tamanhas duas  
coufas, como he prometer, & dar. Informado disto, veo  
a esta terra Ioam Toscano, que como se achaua em algũ  
magusto de roffões verda deiramente, que alli era su  
comer las carnes crudas, su beber la biva sangue. Calisto  
de Siquira se veo ca mais humanamente, porque assi o  
prometteo em hũa tormenta grande em que se vio. Mas  
hum Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hum  
olho, se tem ca prouado arzeoadamente. Porque fui to  
mado por juiz de certas palauras de que elle fez de sdizer  
a hum soldado, o qual pola postura de sua pessoa, era ca  
tido em boa cõta. Se das damas da terra quereis nouas, as  
quais sam obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a  
festa de S.F. Pero Gonçalves, sabei q as Portuguezas to  
das caem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os  
pontos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a ter  
ra dà, alem de serem de rala fazeime m. que lhe faleis al  
guns amores de Petrarca, ou de Boscam, respondem vos  
hũa lingoagem meada de eruilhaca, que traua na gargã  
ta do entendimento, a qual vos lança agoa na feruura da  
mõr quentura do mundo. Hora julgai senhor a que  
sentirá hum estamago costumado a resistir as falsidades  
de hum roffinho de Tauxia de huma dama Lisbonen  
se, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vendose  
agora

agora entre esta carne de selè, que nenhõm amor dà de  
si, como não chorará las memorias de in illo tempore?  
Por amor de mim, que às molheres dessa terra digaes  
de minha parte, que se queren absolutamente ter alça  
da com barço, & pregam, que nam receem seis mefes  
de ma vida por esse mar, que eu as espero, com procif  
sam, & paleo reueffido em pontifical, adonde estoutras  
fenhoras lhe iram entregar as chaves da cidade, & re  
conheceram toda a obediencia, a que por sua muyta ida  
de sam ja obrigadas. Por agora nam mais senam que ef  
re Soneto que aqui vay, que fiz à morte de dom Anto  
nio de Noronha, vos mando em final de quanto della  
me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia, a  
qual tambem trata alguma coufa da morte do Princi  
pe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vo  
la mandara para a mostrardes lá a Miguel Diaz que pe  
la muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver,  
mas a occupação de escrever muytas cartas para o Rey  
no me nam deu lugar. Tambem lá escreuo a Luis de Le  
mos, em reposta doutra que vi sua, se lha nam deram, fa  
be que he culpa da Viagem, na qual tudo se perde. Vale.

E u flor vos arrancou de entam crecida  
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte,  
Dõnde fazendo andaua o braço forte

A fa

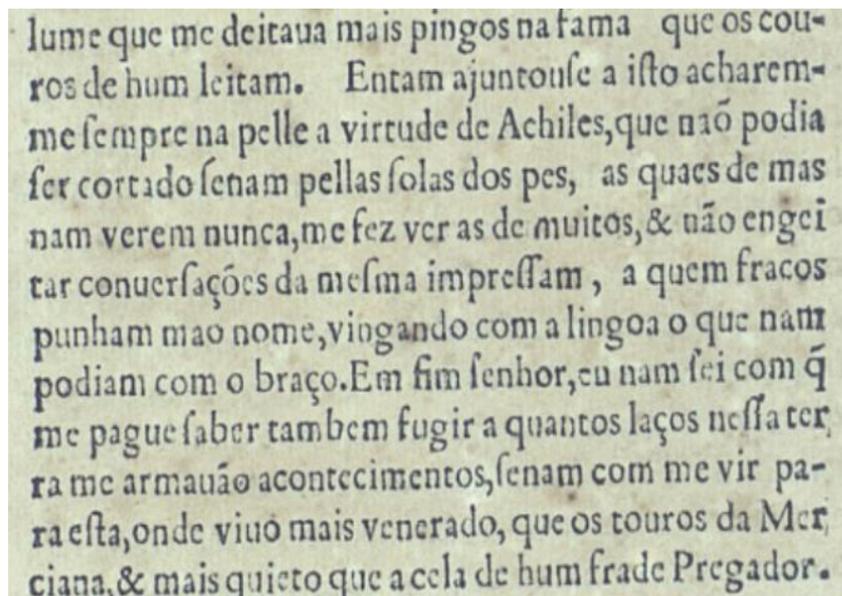
A fama dos antigos esquecida,  
Hũa so razão tenho conhecida  
Com que tamanha magoa se confortã,  
que pois no mundo auia honrada morte,  
que não podicis ter mais larga vida.  
Se meus humildes versos podem tanto  
Que co engenho meu se iguale a arte,  
Especial materia me fereis.  
E celebrado em triste, & doce canto,  
Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
Na memoria das gentes viuireis.

CARTA II. A OVTRO AMIGO.

Esta vay com a candeia na mam morrer nas de v. m.  
& se dahi passar seja em cinza, porque nam quero q  
do meu pouco, comão muitos. E se todauia quiser meter  
mais mãos na escudela, mandelhe lauar o nome, & valha  
sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,  
Y quanto bien cuytado yo tenia.  
Mas quã vano ymaginar, quam claro engaño  
Es darme yo a entender que con partir me,  
De mim se ha de partir hum mal tamanho,  
Quam mal está no caso quem cuida que a mudãça do  
b lugar

É possível notar, ainda, certo cuidado de edição em relação ao alinhamento do texto; em algumas linhas, há um espaçamento maior entre um ponto final e o início de uma nova frase ou entre vírgulas e o início de uma nova palavra, visando que o texto se mantenha sempre dentro de uma mesma margem.



lume que me deitaua mais pingos na fama que os cou-  
ros de hum leitam. Entam ajuntouse a isto acharem-  
me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia  
fer cortado senam pellas solas dos pes, as quaes de mas  
nam verem nunca, me fez ver as de muitos, & não engei-  
tar conuersações da mesma impressam, a quem fracos  
punham maõ nome, vingando com a lingua o que não  
podiam com o braço. Em fim senhor, eu nam sei com q̃  
me pague saber também fugir a quantos laços nessa ter-  
ra me armauão acontecimentos, senam com me vir pa-  
ra esta, onde viuõ mais venerado, que os touros da Mer-  
ciana, & mais quieto que a cela de hum frade Pregador.

#### 8.4. Edição de 1629: o retorno das Rimas aos Craesbeeck

De 1629 a 1680, a publicação das Rimas de Camões passou a ser feita novamente, exclusivamente, pelas mãos da família Craesbeeck (ANASTÁCIO, 2010). Também mais preocupada com a formatação e com o alinhamento do texto, a edição de 1629 apresenta padronizações que, assim como a edição anterior, visam manter o texto dentro de um limite de margem – agora, em uma obra com dimensões físicas também diferentes das anteriores.

As mudanças em destaque se dão no campo gráfico/ortográfico, ao passo que é possível notar alterações na língua e em evoluções linguísticas como em formas como **cudo (1598) > cuydo**. O título, novamente, também é alterado; agora, para “Carta I da India a hum amigo”.

De forma inédita nas edições de Craesbeeck, o soneto aparece novamente removido do contexto da carta. Nessa edição, ele só aparece uma vez, e não há repetição como nas edições anteriores. Em seu lugar, aparece um aviso do editor:

O Soneto que aqui diz, fica entre os outros, & he o 12.

#### ANEXO XII - FAC-SÍMILES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL DIGITAL

Edição das Rimas de 1629. Disponível em: <<https://purl.pt/14196>>

RIMAS  
DE  
LVIS DE  
CAMÕES.

*Emendadas nesta duode-  
cima impressão de mui-  
tos erros das passa-  
das.*

Offrecidas ao Excellentiss.  
S. D.º Manoel de Moura  
Cortereal Marques de  
Castel Rodrigo, &c.

1629.

EM LISBOA,  
*Cõ todas as licenças necessarias.*  
Por Pedro Craesbeeck  
impressor del Rey.

de Luis de Camões.

SONETO 12.

(cida  
EM flor vos arrancou de então cres-  
Dõe fazêdo andaua o braço forte (te  
A fama dos antigos esquecida,  
Hũa sò razão tenho conhecida,  
Cõ q̃ tamanha magoa se conforte,  
q̃ pois no mudo auia honrada morte  
q̃ não podieis ter mais larga a vida.  
Se meus humildes versos podem tão.  
Que co desejo meu se iguale a arte.  
Especial materia me lereis,  
E celebrado em triste, & lógo câto, (re,  
Se morrestes nas mãos do fero Mar-  
Na memoria das gentes viuireis.

SONETO 13.

N Vm jardim adornado de verdura  
A q̃ esmaltão por cima varias flo  
Entrou hũ dia a deosa dos amores (re  
Com a deosa da caça, & da espessura  
Diana tomou logo hũa rosa pura,  
Venus hũ rojo lirio dos melhores  
Mas excedião muito as outras flore  
As violas da graça, & fermosura.  
Preguntão a Cupido qu'alli estaua,  
Qual de aquellas tres flores tomari  
Por mais suave, pura, & mais fermo  
Sintindose o menino lhe tornaua,  
Todas fermosas são, mais eu queri  
Viola, antes que lirio, nem q̃ rosa,

A 4

SON

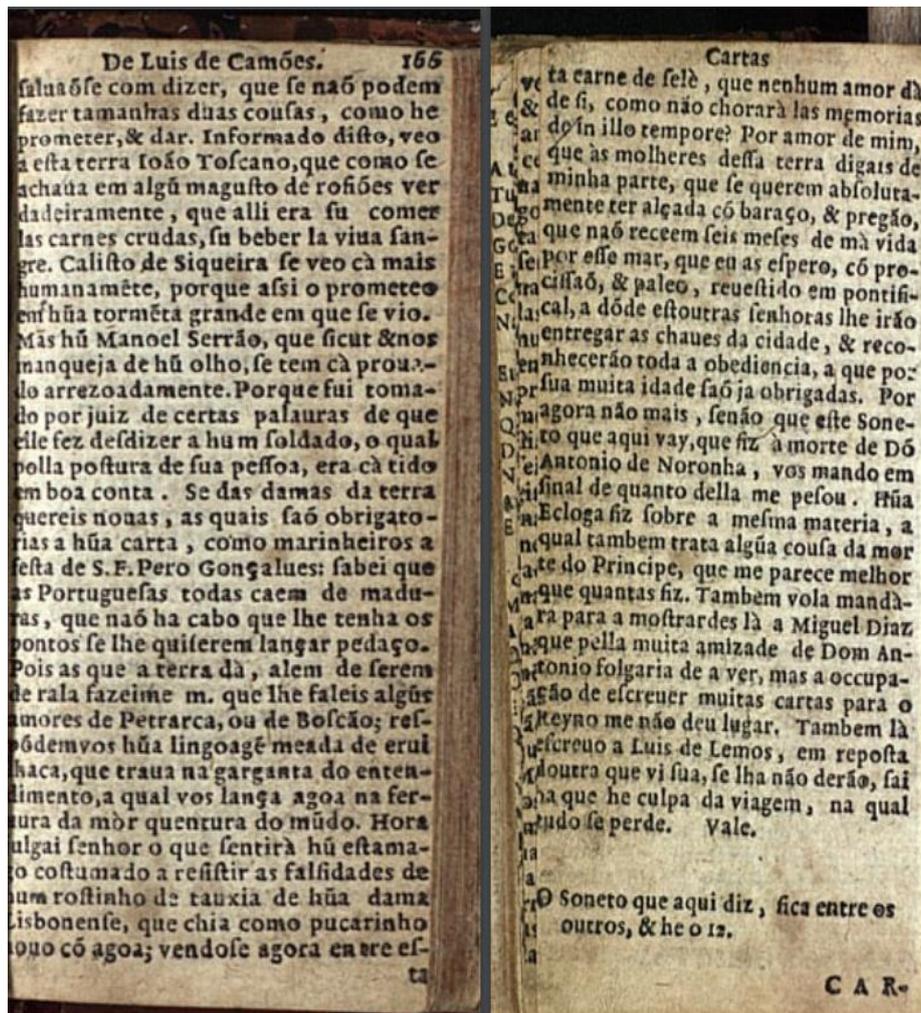
De Luis de Camões. 105  
CARTALDA INDIA  
a hum amigo.

Desejei tanto hũa vossa, que cuydo  
que pella desejar a não vi. Porque  
este he o mais certo costume da fortu-  
na consentir que mais se deseje o que  
mais presto ha de negar. Mas porque  
outras Naos me não fação tamanha of-  
fensa, como he fazerême sospetar que  
vos não lêbro, determinei de vos obrigar  
agora cõ esta: na qual pouco mais  
ou menos vereis o que quero que me  
escreuais dessa terra; em pago do qual,  
d'ante não serão mas no fundo de hũa  
arca para auiso de algũs aventureiros,  
que cuidão que todo mato he ouregão  
& não sabem que cã, & là mas fadas ha.

Depois que dessa terra parti, como  
quem o fazia para o outro mundo, mã  
dei enforçar a quantas speranças de ra  
de comer até então, com pregão publi-  
co por falsificadoras de moeda. E de-  
fenganei esспенfamentos que por casa  
trazia, porque em mim não ficasse pe-  
dra sobre pedra. E assi posto em estado  
que me não via senão por entre lusco  
& fusco, as derradeiras palavras que  
na Nao disse, foraõ as de Scipião Atri-  
cano: Ingrata pátria non possidebi  
ossa mea. Porque quando cuydo que  
sem peccado, que me obrigasse a tre-  
dias de Purgatorio, passei tres mil d  
mãs linguas, peores tenções, danada  
vontades, nascidas de pura enueja, d  
verei

Cartas

verem sua amada yedra de si arrãcada,  
& em outro muro asida, da qual també  
eu pamizades mais brandas que cera se af-  
cendiaõ em odios que demanda spera-  
A toçãõ, & o lume que me deitaua mais pin-  
Tua foga na fama que nos couros de hũ lei-  
De teatõ. Entãõ ajuntouse a isto acharême  
Gon sempre na pelle a virtude de Achilles, q̃  
E zomãõ podia ser cortado senão pellas so-  
Coyllas dos pès, as quaes de mas não verem  
Nãõ nunca, me fez ver as de muitos, & não  
engeitar conuersações da mesma im-  
Eu pressão, a quem fracos punhaõ mao no  
Nãõ me vingãdo cõ a lingua o que não po-  
Que hãõ cõ o braço. Em fim senhor, eu não  
Desei com que me pague saber tambem fu-  
Nãõ a quantos laços nessa terra me ar-  
amãõ os acontecimentos, senão com  
E d'ne vir para esta, onde viuo mais vene-  
lado, que os rouros da Merciana, &  
os mais quieto que a cela de hũ frade Pre-  
Madador. Da terra vos sei dizer que he  
Almã de vilões goins, & madrastra de ho-  
mes honrados. Porque os que se cã lan-  
Deseõ a buscar dinheiro, sem pre se sosten-  
e não sobre a agoa com hexãis. Mas os  
que sua opinião deitaõ, a las armas  
Mouriscote, como marê corpos mor-  
nos à praya. Porque saboi que antes q̃  
amadureção se seccão. Ia estes que to-  
tãõ esta opinião de valentes as co-  
tas crede que nunca riberas del Duero  
criba caualgaron Camoranos, que rõ  
as de tal soberbia entre si fuessem ha-  
lando, & quãdo vê ao effeito da obra  
fal-



## 9. Fixação de princípios para uma nova edição da carta e do soneto

### 9.1. Tipo de edição, parâmetros e normas

Como mencionado anteriormente, na segunda etapa do desenvolvimento desta pesquisa, deu-se, finalmente, a edição da carta e do soneto, a partir da edição de 1598, a primeira que edita a carta seguida do soneto, de acordo com as normas definidas pelo grupo, fixadas para o encabeçamento de uma futura antologia, a que se dará o nome de Antologia Homoerótica Camonianiana (AHC).

Em primeiro lugar, foi definido pelo grupo o tipo de edição que seria seguido, visando adequar os materiais (odes, élogos, cartas, sonetos e outros textos) a um público-alvo também então definido: leitores do século XXI, para quem os textos deveriam ser legíveis, com um códice acessível tanto por leigos, quanto por pesquisadores que queiram se debruçar sobre uma fonte fidedigna, ainda que editada. Para isso, foram escolhidas as **normas semidiplomáticas**, que, segundo Crespo, são intermediárias entre “as normas diplomáticas e interpretativas” (2021, p. 42), e que, de acordo com Schreiner, apresentam um grau de interferência médio, de mediação, em que realizam-se modificações apenas para o auxílio ao público alvo para a decodificação de características originais (2007, p. 23).

Dessa forma, propôs-se ao grupo uma modernização tipográfica e a adequação da ortografia dos textos, desde que essas não causassem alterações fonêmicas, rítmicas ou métricas. No entanto, procurou-se não descaracterizar o vocábulo arcaico, mantendo-o e anotando seu significado em notas, quando necessário.

Além disso, os erros tipográficos foram corrigidos quando facilmente emendáveis, com a anotação da forma original no rodapé das pesquisas, e os demais aparentes erros, ou lições duvidosas, foram mantidos como ocorrem na edição de base, anotados com comentários, também em rodapé.

Ao todo, foram definidas pelo grupo 16 normas a serem aplicadas em toda a Antologia:

1. Pontuamos, tendo em vista a interpretação do texto e de acordo com regras contemporâneas, com exceção dos parênteses, que foram mantidos. Marcamos a entonação interrogativa com ponto de interrogação e o discurso direto com aspas.
2. Adotamos a acentuação da ortografia usada atualmente em Portugal, exceto quando o deslocamento da tônica afetasse o ritmo ou a métrica (“jêfta” > “sesta”).
3. Regularizamos uso de hífen e de apóstrofo, mas mantivemos as contrações (“Tomandome” > “Tomando-me”, “co a” > “co'a”).
4. Fundimos vogais a repetidas e empregamos a crase (“aa” > “à”).
5. Mantivemos o uso das maiúsculas conforme o texto.
6. Atualizamos a ortografia desde que não haja alteração fonêmica, rímica ou métrica.
  - a. Adotamos as duas grafias modernas –ão e –am para o ditongo tônico e o átono finais (“querião” > “queriam”).
  - b. Indicamos a nasalidade medial de acordo com o uso moderno: por m, quando a vogal nasal antecede b e p, e por n, quando precede outras consoantes (“emfim” > “enfim”).
  - c. Desenvolvemos a nasal quando isso não afetasse a métrica (“mĩ” > “mim”, “cõtra” > “contra”).
  - d. Empregamos j e v, onde se encontram i e b/u representando aquelas consoantes (“la” > “Já”, “bibora” > “víbora”, “mouimento” > “movimento”).
  - e. Substituímos, em geral, o y por i, ph por f, j por s, e & por e (“lyra” > “lira”, “Phebo” > “Febo”, “defculpados” > “desculpados”).
  - f. Eliminamos o h não etimológico e os rotacismos (“he” > “é”, “fruta” > “flauta”).
  - g. Simplificamos as letras geminadas, exceto -rr- e -ss- intervocálicos (“alli” > “ali”).
  - h. Grafamos com i ou u as semivogais dos ditongos (“agoas” > “águas”, “Napeas” > “Napeias”).
7. Mantivemos as formas médio-arcaicas: ãa e assi.

8. Mantivemos vocabulários arcaicos como fermosura, endoudece, dous e cousas.
9. Atualizamos a fronteira de palavras (“em quanto” > “enquanto”).
10. Mantivemos aonde e donde, independentemente da regência verbal, tendo em vista principalmente a manutenção da métrica.
11. Dividimos as estrofes conforme indicada pelo sistema rítmico e recuos gráficos, saltando uma linha entre elas.
12. Não grafamos reclames, assinaturas e número da página.
13. Corrigimos erros tipográficos de fácil emenda e marcamos a forma original em nota de rodapé (“cicople” > “ciclope”).
14. Indicamos outros (possíveis) erros em nota de rodapé, como versos hipermétricos, mas mantivemos a forma original.
15. Anotamos também nas notas palavras arcaicas ou de sentido mais opaco, antropônimos, topônimos e apontamentos relacionados ao homoerotismo, gênero e tradição poética.
16. Não indicamos a divisão original das páginas, apenas numeramos a cada 5 versos.

## **9.2. Anotações e comentários**

Foram definidas, pelo grupo, para a AHC, seis categorias de classificação de anotações e comentários, referenciadas de acordo com as necessidades de cada justificativa.

- antropônimos: figuras humanas e mitológicas com nomes próprios;
- topônimos: adjetivos ou substantivos referentes a nomes geográficos;
- figuras mitológicas: espécies ou subcategorias mitológicas;
- vocabulário arcaico ou opaco: palavras pouco compreensíveis ao leitor moderno;
- erros e incongruências: (possíveis) erros tipográficos, métricos ou semânticos;
- esclarecimentos: referências indiretas, como epítetos, e demais explicações.

## 10. Edição da “Carta I Mandada da India A Hum Amigo” e do soneto “Em flor vos arrancou de então crescida” (1598)

### CARTA I MANDADA DA INDIA A UM AMIGO

Desejei tanto ãa vossa, que cuido que pela muito desejar, não a vi. Porque este é o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que, mais presto, há de negar. Mas por que outras Naus não me façam tamanha ofensa, como é a de fazerem-me suspeitar que vos não lembro; determinei de vos obrigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos, vereis o que quero que me escrevais dessa terra. Em pago do qual, d’ante mão, vos pago com novas desta, que não serão más no fundo de ãa arca para aviso de algũs aventureiros, que cuidam que todo o mato é orégãos, e não sabem que cá e lá, más fadas<sup>1</sup> há.

Depois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregão público por falsificadores de moeda. E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, por que em mim não ficasse pedra sobre pedra<sup>2</sup>. E assim, posto em estado que não via senão por entre lusco e fusco<sup>3</sup>, as derradeiras palavras que na Nau disse, foram as de Scipião Africano: “*Ingrata patria non possidébis ossa mea*”<sup>4</sup>. Porque quando cuido de que, sem pecado, que me obrigasse a três dias de Purgatório, passei três mil de más línguas, piores tensões, danadas vontades, nascidas de pura inveja, de verem *su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida*<sup>5</sup>, da qual também amizades mais brandas que cera se acendiam em ódios que demanda esperavam, e o lume que me deitava mais pingos na fama que os couros de um leitão. Então,

---

<sup>1</sup> Sorte, destino.

<sup>2</sup> Expressão popular com origem no verso bíblico presente em Marcos 13:1-2: “E respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edificios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.”

<sup>3</sup> Expressão derivada do latim *lux quæ fugit*, que denomina o encontro de diferentes cores no céu, durante a hora crepuscular.

<sup>4</sup> General romano que teve grande destaque nas Guerras Púnicas e que, antes de morrer, auto-exilado na Campânia, proferiu os dizeres: “Minha pátria ingrata não terá meus ossos antes de morrer.” (“*Ingrata patria non possidébis ossa mea*”)

<sup>5</sup> Verso da écloga “Salicio”, de Garcilaso de la Vega, poeta castelhano da corte de Carlos V:

[...]  
Tus claros ojos, ¿a quién los volviste?  
¿Por quién tan sin respeto me trocaste?  
Tu quebrantada fe, ¿dó la pusiste?  
¿Cuál es el cuello que como en cadena  
de tus hermosos brazos añudaste?  
No hay corazón que baste,  
aunque fuese de piedra,  
viendo mi amada hiedra  
de mí arrancada, en otro muro asida,  
y mi parra en otro olmo entretejida,  
que no s'esté con llanto deshaciendo  
hasta acabar la vida.  
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

(VEGA, 1503-1536, Salicio)

juntou-se a isto acharem-me sempre na pele a virtude de Aquiles<sup>6</sup>, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés, às quais, de mais não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não enjeitar<sup>7</sup> conversações da mesma impressão, a quem fracos punham mau nome, vingando com a língua o que não podiam com o braço. Enfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços nessa terra me armaram os acontecimentos, senão com me vir para esta, onde vivo mais venerado<sup>8</sup> que os touros da Merceana<sup>9</sup>, e mais quieto que a cela de um frade Pregador. Da terra, vos sei dizer que é mãe de vilões ruins, e madrasta de homens honrados; Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se ostentam sobre a água com bexigas. Mas os que sua opinião deita, *a las armas Mouriscote*<sup>10</sup>, como maré, corpos mortos à praia.

Porque sabeis que, antes que amadureçam, se secam. Já estes que tomavam esta opinião de valentes às costas, crede que nunca *riberas del Duero*<sup>11</sup> *arriba cavalgarão Camoranos*<sup>12</sup>, *qué roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando*<sup>13</sup>, e quando vêm o efeito da obra, salvam-se com dizerem que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como é prometer e dar. Informado disto, veio a esta terra João Toscano, que como se achava em algum magusto de rufiões verdadeiramente, que ali era *su comer las carnes crudas, su beber la biva sangre*. Calisto de Siqueira veio para cá mais humanamente, porque assi o prometeu em ùa tormenta

---

<sup>6</sup> Figura da mitologia grega, protagonista do poema épico “Ilíada”, de Homero. Participante da Guerra de Troia, era considerado um herói quase invencível, até ser atingido com uma flecha envenenada no calcanhar desprotegido, sendo levado à morte.

<sup>7</sup> Rejeitar.

<sup>8</sup> Erro tipográfico; forma original: veronado.

<sup>9</sup> Na tradição popular portuguesa, os touros da Merceana são parte de uma lenda que conta que esses animais levaram um pastor a uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, que, mesmo quando era removida, retornava ao mesmo local, onde hoje está construída a Igreja de Nossa Senhora da Piedade.

<sup>10</sup> De acordo com Vasconcelos (1908, p. 99), a primeira referência a essa expressão pertence a um epítáfio citado na comédia Aulegrafia: “Na Aulegraphia, diz-se d’alguém, creio que para o chamar de valente: he uma atalaya da fortuna com um epítáfio (Epítáfio no sentido vago de inscrição, dístico, rotulo) que diz: *A las armas, Moriscote, si em ellas quereis entrar.*”

<sup>11</sup> Ribera del Duero, distrito localizado no extremo sul da província de Burgos, parte da comunidade autónoma espanhola de Castela e Leão.

<sup>12</sup> Zamoranos; naturais de Zamora, na Espanha.

<sup>13</sup> Referência ao Romance del Cid, romance popular espanhol cujos versos escritos são anônimos:

Riberas del Duero arriba  
cabalgan dos zamoranos:  
las divisas llevan verdes,  
los caballos alazanos,  
ricas espadas ceñidas,  
sus cuerpos muy bien armados,  
adargas ante sus pechos,  
gruesas lanzas en sus manos,  
espuelas llevan ginetas  
y los frenos plateados.  
[...]

Disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: [www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com). Universidad de Alicante, Banco Santander Central Hispano 1999-2004.

Apesar de incerta, para Vasconcelos (1907, p. 1033), a referência tem base em uma das várias versões do Romance del Cid, que Camões havia memorizado: “O texto que o poeta guardava na sua admirável memória, foi, parece, o de um *Pliego suelto*, igual ao que se conserva em Praga, visto que só neste ocorrem (no verso 15º) as palavras de *tal soberbia*.”

grande em que se viu. Mas um Manoel Serrão, que *sicut* et nos manqueja de ã olho, se tem cá provado arazoadamente<sup>14</sup>. Porque fui tomado por juiz de certas palavras de que ele fez desdizer a u soldado, o qual, pela postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta; Se das damas da terra quereis novas, as quais são obrigatórias a ua carta como marinheiros à festa de São Frei<sup>15</sup> Pero Gonçalves<sup>16</sup>: sabeis que as Portuguesas todas caem de maduras, que não há cabo que lhe tenha os pontos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, além de serem de rala<sup>17</sup>, fazei-me, mercê<sup>18</sup>, que lhe faleis algũs amores de Petrarca<sup>19</sup>, ou de Boscão<sup>20</sup>, e repondem-vos: ua linguagem meada de ervilhaca<sup>21</sup>, que trava na garganta do entendimento, à qual vos lança agora na fevura da mor<sup>22</sup> quentura do mundo. Agora julgai, senhor, o que sentirá um estômago acostumado a resistir às falsidades de u rostinho de tauxia<sup>23</sup> de ãa dama Lisbonense, que chia como pucarinho<sup>24</sup> novo com a água, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si, como não chorará *las memorias de in illo tempore*<sup>25</sup>? Por amor a mim, que às mulheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baração e pregão<sup>26</sup>, que não receiem seis meses de má vida por esse mar; que eu as espero, com procissão e pálio, revestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade e reconhecerão toda a obediência a que por sua muita idade já são obrigadas. Por agora, não mais senão este Soneto que aqui vai, que fiz à morte de dom Antonio de Noronha<sup>27</sup>, vos mando em sinal de quanto dela me pesou. ãa Écloga<sup>28</sup> fiz sobre a mesma matéria, a qual também trata algũa

---

<sup>14</sup> Forma arcaica (quinhentista): arazoadamente. Erroneamente.

<sup>15</sup> Forma original abreviada: F.

<sup>16</sup> Frei canonizado pela Igreja Católica no século XII, a quem é atribuída, ainda hoje, a proteção aos navegantes e marinheiros.

<sup>17</sup> De má qualidade.

<sup>18</sup> Forma abreviada: m.

<sup>19</sup> Francesco Petrarca (1304-1374), intelectual, poeta e humanista italiano. Aperfeiçoou as formas do soneto criadas pelo poeta Jacopo da Lentini.

<sup>20</sup> Poeta citado por Camões no soneto A D. Simão da Silveira.

<sup>21</sup> Nome popular da *Vicia cracca*, espécie de planta nativa da Europa e Ásia; considerada uma erva daninha (espécie indesejada que cresce em áreas de cultivo).

<sup>22</sup> Maior.

<sup>23</sup> Incrustação de ouro, prata, cobre etc. em objetos de aço, ferro ou outros metais menos brilhantes, por definição do dicionário OxfordLanguages.

<sup>24</sup> Expressão derivada das palavras “púcara” ou “búcaro”, um pequeno recipiente, com asa, para retirar líquido de recipientes maiores, por definição do dicionário OxfordLanguages.

<sup>25</sup> Locução latina que pode ser traduzida como “naquele tempo”, “em um tempo remoto”, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

<sup>26</sup> Expressão jurídica.

<sup>27</sup> D. António de Noronha teria sido um pupilo de Camões, morto em combate em Ceuta, em 18 de abril de 1553. A ele, são dedicadas numerosas composições do poeta, o que levanta a hipótese de um possível envolvimento homoerótico entre os dois.

<sup>28</sup> Écloga I de Camões; écloga que foi dedicada “á morte de D. Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & á morte de dom João Principe de Portugal, pay del Rey D. Sebastião.”, também presente na edição das Rimas de 1598:

Umbrano, & Frondelio, pastores.

UMBRANO

Que grande variedade vão fazendo  
Frondelio amigo, as oras apressadas,  
Como se vão as cousas convertendo,  
Em outras cousas varias, & inesperadas:

cousa da morte do Príncipe, que me parece melhor que quantas fiz. Também vou mandá-la para que a mostre a Miguel Diaz<sup>29</sup>, que, pela muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas à ocupação de escrever muitas cartas para o Reino não me deu lugar. Também a escrevo a Luis de Lemos<sup>30</sup>, em resposta doutra que vi sua, se a ele não a deram, saiba que é culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crescida<sup>31</sup>  
Ah, senhor Dom António, a dura sorte<sup>32</sup>!  
Donde fazendo andava o braço forte  
A fama dos antigos esquecida.

Õa só razão tenho conhecida  
Com que tamanha mágoa<sup>33</sup> se conforte;  
Que pois no mundo havia honrada morte:  
Que não podíeis ter mais larga vida<sup>34</sup>.

Se meus humildes versos podem tanto  
Que co engenho<sup>35</sup> meu se iguale a arte,  
Especial matéria me sereis.

E celebrado em triste e doce canto<sup>36</sup>,  
Se morrestes nas mãos do fero Marte<sup>37</sup>,  
Na memória das gentes vivereis<sup>38</sup>.

---

Hum dia a outro vay trazendo,  
Por suas mesmas horas ja ordenadas,  
Mas quão conformes são na quantidade,  
Tão diferentes são na qualidade.  
[...]

<sup>29</sup> É citado como um mercador da cidade do Porto no Testamento de Simão Vaz de Camões, pai de Luís de Camões. No renascimento, os mercadores eram responsáveis pelo financiamento de obras literárias.

<sup>30</sup> Amigo de Camões.

<sup>31</sup> Dom António morreu durante um combate em Ceuta, em 18 de abril de 1553, ainda bastante jovem.

<sup>32</sup> Elemento que remete ao desconcerto e à instabilidade do mundo, tão cantados pelo autor.

<sup>33</sup> Pela morte de D. António de Noronha.

<sup>34</sup> Para o poeta, D. António realmente não poderia ter uma vida mais longa, pois essa era a sua fortuna, o seu destino – apesar de ser a fortuna, como demonstra a Carta da Índia (1598), algo que comumente aborrece o poeta por negá-lo aquilo que mais deseja (“Porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que mais presto ha de negar.”); nesse caso, a longa vida de Noronha.

<sup>35</sup> Engenho poético; imaginação artística; inspiração.

<sup>36</sup> Soneto fúnebre.

<sup>37</sup> Divindade mitológica responsável pelas lutas e combates. Outra referência a Marte é feita por Camões na Écloga dos Faunos, dirigida também a D. António de Noronha.

<sup>38</sup> Apesar de sua morte, D. António de Noronha será lembrado com estima pelos que o conheceram, além de ser cantado e celebrado nos sonetos de Camões, que o imortalizaram em sua obra poética.

## **11. Exibição pública dos resultados obtidos pela Iniciação Científica**

### **11.1. Seminário de Investigação “Antologia Homoerótica Camoniana, evento organizado pelo Grupo de Investigação Poéticas em Língua Portuguesa (PLP), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM)**

Os resultados obtidos ao longo deste um ano de elaboração da Iniciação Científica, que agora se apresentam aqui, de forma completa, foram, como cita a introdução do projeto, apresentados parcialmente no Seminário de Investigação “Antologia Homoerótica Camoniana, evento organizado pelo Grupo de Investigação Poéticas em Língua Portuguesa (PLP), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), em 06 de junho de 2022.

Dele, participaram outros alunos envolvidos no projeto “Reescrever o Século XVI”, com comunicações de 30 minutos cada, que visaram introduzir ao público do seminário, composto por brasileiros e portugueses, os trabalhos que serão publicados na Antologia Homoerótica Camoniana (AHC). Este trabalho foi apresentado sob o título de “Soneto XII na Carta da Índia – Em flor vos arrancou, de então crescida (1598)”, na plataforma Zoom, com o apoio da apresentação de *slides* que fundamentaram uma discussão sobre a carta e o soneto, com recepção bastante positiva – e útil para o desenvolvimento de melhorias neste trabalho –, celebrada pelo grupo do projeto.

### **11.2. Inscrição no SIICUSP**

De mesma forma, a Iniciação Científica aqui apresentada segue, agora, para apresentação no 30º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP, o SIICUSP, que ocorre, para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, entre 17 a 21/10, com inscrição já validada pela Comissão. A apresentação será submetida à avaliação de uma banca, que determinará o avanço ou melhorias necessárias em cada etapa do simpósio.

## **12. Conclusão do relatório final**

Apesar de carecer de fontes biográficas deixadas pelo próprio poeta, graças à notoriedade de Luís Vaz de Camões, existe, desde o Renascimento, um interesse editorial (ou curatorial) em reescrever sua história de vida. Tal carência biográfica, no entanto, abre margem para as mais diversas interpretações e interferências editoriais, que acabaram por modificar fatos e até mesmo as próprias antologias do autor – que, como visto neste trabalho, não escaparam nem mesmo das análises do período Inquisitorial, e não podem mais, com total certeza, compor uma obra definitiva, visto que existem questionamentos acerca da autoria e atribuição de alguns textos ao poeta, bem como possíveis perdas de textos originais do escritor.

Este projeto tem como objetivo colocar em evidência mais um aspecto da vida “ignorada” de Camões – aspecto esse que muito provavelmente foi também vítima de censura social e histórica, de acordo com as preferências dos próprios editores do poeta –, com a análise de suas obras que carregam indícios do homoerotismo, com foco para a Carta da Índia, publicada pela primeira vez na edição da edição das Rimas de 1598, e que acompanha o soneto fúnebre sobre a morte de D. António de Noronha – um pupilo recipiente de sua afeição e de diversas outras homenagens e dedicatórias.

O trabalho visa também assumir um caráter documental do percurso editorial da Carta nas diversas edições das Rimas realizadas no período renascentistas, observando seus diferentes registros e formatos.

Desenvolvido como parte do projeto “Reescrever o Século XVI”, estabelecido em cooperação entre a Universidade de São Paulo (Brasil) e a Universidade do Minho (Portugal), o trabalho será publicado também em uma antologia, a Antologia Homoerótica Camoniana (AHC), que contará com análises de outros estudantes de graduação e mestrado, em coordenação da Professora Doutora Marcia Maria de Arruda Franco. Para a harmonia do grupo, os textos homoeróticos de Camões foram divididos de acordo com os interesses de pesquisa individuais, com reuniões e discussões periódicas que se tornaram bastante proveitosas para o desenvolvimento desta Iniciação Científica.

Com isso, deu-se em grupo também o estabelecimento de normas para a edição dos textos, que resultaram em uma nova edição, atualizada, da Carta da Índia de 1598, como consta ao final deste trabalho. Além da edição, o projeto ganha relevância ao apresentar uma nova análise crítica, até o momento pouco explorada.

## BIBLIOGRAFIA

### a) Fontes:

CAMÕES, Luís Vaz de. Rimas / de Luis de Camões. - Acrescentadas nesta segunda impressão... - Lisboa: por Pedro Crasbeeck: a custa de Esteuão Lopez, mercador de livros, 1598. Edição fac-similar disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, em: <<http://purl.pt/14706>>

CAMÕES, Luís de. Rimas / de Luis de Camoens. - Acrescentadas nesta terceyra impressãõ. Dirigidas a la inclyta Universidade de Coimbra. - Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck? : a custa de Domingos Fernandez mercador de libros, 1607?. - [8], 102 [i.é. 202], [5] f. ; 4º (19 cm). Edição fac-similar disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, em: <<https://purl.pt/14138>>

CAMÕES, Luís de. Rimas / de Luis de Camões ; primeira parte. - Acrescentadas nesta quinta impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho - [A]. - Em Lisboa : por Vicente Alvarez : a custa de Domingos Fernandez mercador de livros, 1614. - [8], 202, [5] f. ; 4º (19 cm). Disponível em: <<https://purl.pt/13987>>

CAMOES, Luís de. Rimas / de Luis de Camões ; primeira impressão. - Novamente acrescenta-/das, & emendadas nesta impressão./ Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho./ Com dous epithafios à sua sepultura que està em Santa Anna que/ mandaram fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim/ Gonçalves da Camara./. - Em Lisboa : por Antonio Alvarez : a custa de Domingos Fernandez mercador de livros, 1621. - [8], 202, [5] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <<https://purl.pt/14097>>

CAMÕES, Luís de. Rimas / de Lvis de Camões. - Emendadas nesta duodecima impressão de muitos erros das passadas. Offrecidas [sic] ao Dõ Manoel de Moura Corterreal Marques de CastelRodrigo, &c.. - Em Lisboa : por Pedro Craesbeeck impressor delRey, 1629. - [4], 175 f. ; 24º (9 cm). Disponível em: <<https://purl.pt/14196>>

CAMÕES, Luís de. Rimas varias / de Luis de Camoens principe de los poetas heroycos, e lyricos de España ; ofrecidas al muy ilustre Señor D. Ivan da Sylva Marquez de Gouvea, Presidente del Dezembargo del Paço. y Mayordomo Mayor de la Casa Real, &c. ; commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo ; Tomo I e II que contienem la primera, segunda, y tercera Centuria de los Sonetos. - Lisboa : en la imprenta de Theotonio Damaso de Mello impressor de la Casa Real, 1685. - [49, 1 br.], 356 p. ; 2º (30 cm). Disponível em: <<https://purl.pt/14198>>

CAMÕES, Luís Vaz de. Obras Completas: Luís de Camões. Volume I – Redondilhas e Sonetos (A lição das primeiras edições e variantes). Prefácio e Notas: prof. Hernani Cidade. Lisboa: Coleção de Clássicos Sá da Costa, 1972.

CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas / prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000; prefácio.

### b) Referências teóricas:

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Camões e D. Sebastião. In: Dicionário de Luís de Camões. Org. Vitor Aguiar e Silva. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

ANASTÁCIO, Vanda. A lenda dourada de frei Bartolomeu Ferreira. Revista Convergência Lusíada, n. 27, janeiro - junho de 2012.

ANASTÁCIO, Vanda. A criação de um poeta nacional: breve panorâmica das edições da lírica camoniana entre 1595 e 1870. Revista Floema - Ano VI, n. 7, p. 61-74, jul./dez. 2010.

ANASTÁCIO, Vanda. Leituras potencialmente perigosas: reflexões sobre as traduções castelhanas de Os Lusíadas no tempo da União Ibérica. São Paulo: Revista Camoniana, 3º série, nº 15, 2004, p. 159-178.

BERARDINELLI, Cleonice. Estudos camonianos: de censores e censura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 109-122. Disponível no portal de Letras - PUC/Rio: <<http://catedravieira-ic.lettras.puc-rio.br/detalhe/23/de-censores-e-de-censura>>.

CRESPO, Maria Clara Ramos Morales. A égloga VII para a Antologia Homoerótica de Camões". Orientadora: Marcia Maria de Arruda Franco. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.

FERREIRA, Pedro Tiago. Filologia como curadoria: o caso Pessoa. São Paulo: Filologia e Linguística Portuguesa, 18(2), 231-262, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p231-262>.

FRONDA, Michael P. *Imitation (mimesis, imitatio)*. In: The Encyclopedia of Ancient History (eds R.S. Bagnall, K. Brodersen, C.B. Champion, A. Erskine and S.R. Huebner). <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah08087>. 2012.

LOURENÇO, Frederico. Amor. In: Dicionário de Luís de Camões. Org. Vitor Aguiar e Silva. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

LOURENÇO, Frederico. Pode um desejo imenso. Lisboa: Editora Cotovia, 2002.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa. Rimas, Autos e Cartas. Porto: Livraria da Civilização, 1978.

RAMALHO, Américo da Costa. Mais uma biografia romanceada de Camões [...] (Recensão à obra Vida Ignorada de Camões, de José Hermano Saraiva, 1978). Coimbra: Revista Humanitas, vol. XXIX - XXX. p. 271 - 288, 1978.

RAMOS, Emanuel Paulo. Os textos camonianos datados de 1572 e as traduções castelhanas de 1580 d'Os Lusíadas. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos. Revista Humanitas, vol. XXXV-XXXVI, 1983-1984.

SALVADOR, J. G. A Lei de Imprensa e do comércio de livros de Filipe II, e seus reflexos na América Luso-Espanhola. Revista de História, [S. I.], v. 23, n. 47, p. 91-124, 1961. DOI:

10.11606/issn.2316-9141.rh.1961.121512.

Disponível

em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121512>.

SANTOS, Elaine Cristina Prado dos. Estrutura narrativa, o estado da questão: nas Metamorfoses de Ovídio. *Todas As Musas*. São Paulo: Editora Todas As Musas, Ano 02 - Número 01, Jul - Dez 2010. ISSN: 2175-1277.

SARAIVA, José Hermano. *Vida Ignorada de Camões*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

SOUSA, Luana Neres de. Platão e Aristófanes: visões acerca da Pederastia em Atenas no período Clássico. São Leopoldo: ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007.

SOUZA, Zildene de. *Febo e Jacinto: um outro olhar sobre o mito*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

VIOLA, Ana Isabel Serra Gonçalves. *A Dedicatória na Ficção Portuguesa Contemporânea: Homenagem ou Revelação?*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta, elaborada sob orientação da Professora Doutora Isabel Roboredo Seara. Lisboa: 2014.

### **c) Fontes utilizadas na edição da carta e soneto:**

ANÔNIMO. Romance del Cid. “Riberas del Duero arriba cabalgan dos zamoranos”. Disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: <[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)>. Universidad de Alicante, Banco Santander Central Hispano 1999-2004.

BÍBLIA. Português. Marcos 13:1-2. In: *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamentos*. Publicada por: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, Utah, EUA, com notas explicativas e referências cruzadas das obras-padrão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. 2015.

CAMÕES, Simão Vaz de. *Testamento*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em: <<https://www.proquest.com/scholarly-journals/testamento-de-simão-vaz-camões-almotacé-coimbra/docview/1295175994/>>.

CARRARA, Enrico. Francesco Petrarca. *Enciclopedia Italiana*, 1935. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-petrarca\\_%28Enciclopedia-Italiana%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-petrarca_%28Enciclopedia-Italiana%29/)>

DPLP. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Brasil: Priberam, 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>

OXFORDLANGUAGES. *Dicionário online*. Inglaterra: Oxford University Press, 2022. Disponível em <<https://languages.oup.com/>>

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia, 2013.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, “Estudos sobre o Romanceliro peninsular. Romances velhos em Portugal”, *Cultura española*, VIII, 1907, p. 1033.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, “Estudos sobre o Romanceliro peninsular. Romances velhos em Portugal”, *Cultura española*, IX, 1908, p. 99.

VEGA, Garcilaso de la Vega. *Salicio*. 1503-1536.